

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG
CÂMPUS CORA CORALINA
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA,
LITERATURA E INTERCULTURALIDADE – POSLLI**

**NOVAS ESCRITURAS E MÚLTIPLAS VOZES NOS ROMANCES *BECOS DA
MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA
JUNIOR**

KARLA NUNES DE SOUZA

NOVAS ESCRITURAS E MÚLTIPLAS VOZES NOS ROMANCES *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para conclusão do curso e obtenção do título de Mestra em Língua, Literatura e Interculturalidade.

LP2 - Linha de pesquisa: Estudos Literários e Interculturalidade.

Orientador: Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome complet: Karla Nunes de Souza

E-mail: prof.karla.cnsa@gmail.com

Dados do trabalho

Título: NOVAS ESCRITURAS E MÚLTIPLAS VOZES NOS ROMANCES BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR.

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade

Concorda com a liberação documento

SIM NÃO

¹ Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiás, 22 de abril de 2024.

gov.br Documento assinado digitalmente
KARLA NUNES DE SOUZA
Data: 22/04/2024 11:32:06-0300
Verifique em <https://valotar.br.gov.br>

Assinatura autor(a)

gov.br Documento assinado digitalmente
JOSE ELIAS PINHEIRO NETO
Data: 22/04/2024 11:02:22-0330
Verifique em <https://valotar.br.gov.br>

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

S729n Souza, Karla Nunes de.

Novas escrituras e múltiplas vozes nos romances “Becos da memória”, de Conceição Evaristo e “Torto arado”, de Itamar Vieira Junior [manuscrito] / Karla Nunes de Souza. – Goiás, GO, 2024.

94 f.

Orientador: Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto.

Dissertação (Mestrado em Língua Literatura e Interculturalidade)
– Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2024.

1. Literatura brasileira - romance. 1.1. Análise literária.
1.1.1. Vozes femininas. 1.1.2. Escrita negra. 1.1.3. Ancestralidade.
I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 82(81)-31

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusedeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 10/2024

Aos cinco dias do mês de Abril de dois mil e vinte e quatro às catorze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Karla Nunes de Souza, intitulado "*NOVAS ESCRITURAS E MÚLTIPLAS VOZES NOS ROMANCES BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR*". A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dr. José Elias Pinheiro Neto – Presidente – (POSLLI/UEG), Dr. Divino José Pinto (PUC – GO), Dra. Émile Cardoso Andrade (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver): as breves revisões serão realizadas.

Cumpridas as formalidades de pauta, às 15h30 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 05 de abril de 2024.

Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto
(POSLLI/UEG)

Prof. Dr. Divino José Pinto
(PUC – GO)

Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade
(POSLLI/UEG)

Página de assinaturas



José Neto
426.451.901-20
Signatário



Emile Andrade
901.620.561-68
Signatário



Divino Pinto
192.192.451-91
Signatário

HISTÓRICO

- | | | |
|-------------------------|---|--|
| 06 abr 2024
11:38:46 |  | José Elias Pinheiro Neto criou este documento. (E-mail: jose.pinheiro@ueg.br, CPF: 426.451.901-20) |
| 06 abr 2024
11:38:47 |  | José Elias Pinheiro Neto (E-mail: jose.pinheiro@ueg.br, CPF: 426.451.901-20) visualizou este documento por meio do IP 186.233.173.184 localizado em Itapuranga - Goiás - Brazil |
| 06 abr 2024
11:38:57 |  | José Elias Pinheiro Neto (E-mail: jose.pinheiro@ueg.br, CPF: 426.451.901-20) assinou este documento por meio do IP 186.233.173.184 localizado em Itapuranga - Goiás - Brazil |
| 07 abr 2024
00:20:03 |  | Divino José Pinto (E-mail: djlages16@gmail.com, CPF: 192.192.451-91) visualizou este documento por meio do IP 45.65.222.234 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil |
| 07 abr 2024
00:21:30 |  | Divino José Pinto (E-mail: djlages16@gmail.com, CPF: 192.192.451-91) assinou este documento por meio do IP 45.65.222.234 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil |
| 06 abr 2024
12:32:07 |  | Emile Cardoso Andrade (E-mail: emilecardoso@ueg.br, CPF: 901.620.561-68) visualizou este documento por meio do IP 189.63.7.209 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil |
| 06 abr 2024
12:33:52 |  | Emile Cardoso Andrade (E-mail: emilecardoso@ueg.br, CPF: 901.620.561-68) assinou este documento por meio do IP 189.63.7.209 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil |



Escaneie a imagem para verificar a autenticidade do documento.
Hash SHA256 do PDF original #d28b5d6eeddd0469f3a6c2369348a669b7b4e1557cb2301e6661b0feb7703e31
<https://valida.ae/fbc0f3668d7fb7aa0df4099c289d5c6fa7901d15d62bd57a5>



AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar força nos momentos mais difíceis durante estes dois anos de luta. Por me guiar no percurso até a cidade de Goiás e cuidar da minha família enquanto estava em busca de mais uma vitória. Se hoje estou aqui concretizando mais um sonho, é por nunca desistir de mim. Obrigada, meu Pai!

Agradeço ao professor, amigo e orientador Dr. José Elias Pinheiro Neto, pelo apoio durante toda essa trajetória, pois sempre com suas palavras de conforto, não me deixou fraquejar diante dos obstáculos. Sou muito grata por depositar sua confiança em mim, por ter me escolhido e estar de mãos dadas comigo desde o primeiro dia. Gratidão eterna.

Aos professores colaboradores Dr.^a Émile Cardoso Andrade e Dr. Divino José Pinto, que com excelentes pontuações e sugestões enriqueceram ainda mais este trabalho. Sinto-me lisonjeada por tê-los aqui comigo.

Agradeço aos professores do POSLLI, ao secretariado e à coordenação.

Minha família, que por tantas vezes os deixei sozinhos em momentos importantes, porém sabem que faço tudo por vocês. Meu esposo, Júnior Urbano de Abreu Lima, por estar firme comigo e me apoiando em todas as decisões, cuidando de tudo enquanto estava ausente. Minhas filhas Anna Júlya Nunes Silva e Valentina Nunes Urbano Lima, mamãe nunca deixou de pensar em vocês, sei que minha ausência fez falta, contudo meus pensamentos, orações e coração nunca estiveram longe. Minha mãe, guerreira e amiga, Francelina Nunes Teixeira que sempre lutou por mim e me ampara em tudo. À vovó Luzia Nunes Teixeira (in memoriam), mulher de fibra que me criou com tanto zelo. Hoje sou esta mulher forte devido ao seu esforço e amor. Aos meus tios, tias, padrinho, madrinha e primos pelo apoio e aconchego. Aos meus sogros, cunhada e sobrinhos. Sem a participação de todos vocês, não conseguiria findar mais esta etapa de minha vida. Minha eterna gratidão!

Aos meus colegas de mestrado, vocês sabem o tanto que agradeço a Deus por fazerem parte da minha vida acadêmica. Foram muitas batalhas que conseguimos vencer juntos. Guardarei cada um no meu coração.

Às escolas que trabalho e trabalhei, à direção, coordenação, colegas de profissão e alunos, meus sinceros agradecimentos.

Aos meus amigos, obrigada pelos momentos dedicados a me fazer relaxar devido tanto cansaço mental. Como disse Milton Nascimento, “Amigo é coisa pra se guardar/Debaixo de sete chaves/Dentro do coração”. Gratidão!

Por fim, quero deixar meus agradecimentos a todas as pessoas que torceram e torcem por mim.

Dedico este trabalho às mulheres que são
protagonistas de suas histórias, às vozes que
não se calam por injustiças e opressão.

Continuem firmes.

SOUZA, Karla Nunes de. **NOVAS ESCRITURAS E MÚLTIPLAS VOZES NOS ROMANCES *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**. Dissertação de Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2024.

RESUMO

A arte literária, por seu caráter plurissignificativo, é capaz de nos inquietar ao criar diferentes contextos de enunciação. O presente estudo visa analisar as novas escrituras e as múltiplas vozes das narrativas contemporâneas produzidas por Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior impressas em seus romances *Becos da memória* (2020) e *Torto arado* (2019), respectivamente, na intenção de compreender a conexão entre ficção e realidade sob o prisma da presença ancestral no processo construtivo dessas histórias. Assim, os escritores revisitam o passado por meio da memória de seus antepassados, com o intento de criar uma consciência identitária para aqueles que sempre se sentiram excluídos. Este trabalho, portanto, tem como pináculo legitimizar e fortalecer o protagonismo feminino negro na construção dos romances em estudo pelo olhar do próprio negro. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico em que se tem como referencial teórico autores como: Antonio Candido (2019), Beatriz Nascimento (2021), Cuti (2010), Karl Erik Schollhammer (2009), Aleida Assmann (2016), Ecléa Bosi (2004), Kabengele Munanga (2012), Lélia Gonzalez (2020), Leyla Perrone-Moisés (2016), Maurice Halbwachs (2013), Márcio Seligmann-Silva (2020), Neuza Santos Souza (1983), Tânia Pellegrini (2018), entre outros, com análises dos romances *Becos da memória*, de Conceição Evaristo e *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior. Mesmo distantes geograficamente, os escritores compartilham histórias de vidas que se entrelaçam em temáticas marcadas pela negação social, violência, silenciamento e resistência. Esta pesquisa resulta em identificar o fazer literário pelo próprio negro e o empoderamento da voz das protagonistas negras que ecoam as memórias individuais e/ou coletivas adversas de um Brasil vulnerável perante as desigualdades sociais ainda presentes na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Vozes femininas. Escrita negra. Ancestralidade. Conceição Evaristo. Itamar Vieira Junior.

SOUZA, Karla Nunes de. **NOVAS ESCRITURAS E MÚLTIPLAS VOZES NOS ROMANCES *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR.** Dissertação de Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2024.

ABSTRACT

Literary art, due to its multi-meaningful character, is capable of disturbing us by creating different contexts of enunciation. The present study aims to analyze the new writings and the multiple voices of contemporary narratives produced by Conceição Evaristo and Itamar Vieira Junior printed in their novels *Becos da memória* (2020) and *Torto arado* (2019), respectively, with the intention of understanding the connection between fiction and reality from the perspective of ancestral presence in the constructive process of these stories. Thus, writers revisit the past through the memory of their ancestors, with the intention of creating an identity consciousness for those who have always felt excluded. This work, therefore, has the pinnacle of legitimizing and strengthening black female protagonism in the construction of the novels under study through the eyes of black people themselves. This is a bibliographical research in which authors such as: Antonio Candido (2019), Beatriz Nascimento (2021), Cuti (2010), Karl Erik Schollhammer (2009), Aleida Assmann (2016), Ecléa Bosi (2004), Kabengele Munanga (2012), Lélia Gonzalez (2020), Leyla Perrone-Moisés (2016), Maurice Halbwachs (2013), Márcio Seligmann-Silva (2020), Neuza Santos Souza (1983), Tânia Pellegrini (2018), among others, with analyzes of the novels *Becos da memória*, by Conceição Evaristo and *Torto arado*, by Itamar Vieira Junior. Even though they are geographically distant, the writers share stories of lives that intertwine in themes marked by social denial, violence, silencing and resistance. This research results in identifying the literary work done by black people themselves and the empowerment of the voice of black protagonists who echo the adverse individual and/or collective memories of a Brazil vulnerable to the social inequalities still present in contemporary times.

Keywords: Female voices. Black writing. ancestry. Conceição Evaristo. Itamar Vieira Junior.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – VOZES E ESCRITURAS NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	19
1.1 O percurso literário de Conceição Evaristo: a voz que ultrapassa palavras.....	23
1.2 O Brasil profundo revelado pela escrita de Itamar Vieira Junior.....	33
1.3 A escritura ficcional contemporânea como campo de emancipação das vozes minoritárias nos romances <i>Becos da memória</i> e <i>Torto arado</i>	37
CAPÍTULO 2 – MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: UM BRASIL MARCADO PELO VOZEAR DOS SEUS ANCESTRAIS	54
2.1 As marcas da ancestralidade na construção dos romances <i>Becos da memória</i> e <i>Torto arado</i>	57
2.2 O Realismo representativo em <i>Becos da memória</i> e <i>Torto arado</i> : repressão e resistência.....	64
2.3 Memórias individuais e/ou coletivas dos locais: o desfavelamento em <i>Becos da memória</i> e a comunidade rural de Água Negra em <i>Torto arado</i>	70
2.4 Espacialidades e Identidades: proximidades do sujeito negro em <i>Becos da Memória</i> e <i>Torto Arado</i>	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

A arte literária tem um papel relevante na representação da cultura e história de uma sociedade, especialmente no que diz respeito à escritura negra, que, por muito tempo, foi negligenciada quanto às suas contribuições para a construção e a transformação da sociedade brasileira. Diante disso, a literatura afrodescendente contemporânea também se destaca por suas experimentações literárias nas tramas como uma forma de resistência, empoderamento e construção identitária. Muitos autores passaram a explorar estilos linguísticos diversificados, narrativas fragmentadas, não lineares e elementos culturais específicos, a fim de enraizar nas narrativas a riqueza das tradições, crenças e aprendizados das comunidades afrodescendentes. Visando um estudo que represente a literatura afro-brasileira, esta dissertação tem como foco apresentar aos leitores dois grandes nomes da produção artística literária do Brasil, Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior.

Conceição Evaristo, escritora, poetisa e pesquisadora brasileira, é conhecida por abordar em suas obras temas que se concentram em resgatar e vozeir as memórias negras, desafiando o apagamento histórico e cultural que as comunidades afro-brasileiras enfrentaram ao longo dos anos. Sua escritura é carregada de simbolismos que conectam a cultura brasileira às raízes africanas e ao incorporar elementos da oralidade em suas narrativas. A representatividade do feminismo negro também é uma temática recorrente em sua escritura, ao destacar as experiências singulares e muitas vezes marginalizadas das mulheres negras, criando uma conexão mais próxima entre autora, trama e leitor.

Itamar Vieira Junior, servidor público do INCRA e escritor, transporta as paisagens ricas e complexas do sertão nordestino para suas obras. Ele incorpora elementos míticos em suas narrativas ao evidenciar a importância da história e da ancestralidade afro-brasileira. A conexão com o passado é uma constante em suas obras. Em conjunto com a experiência de sua vida profissional, Itamar Vieira Junior demonstra um compromisso em apresentar e representar histórias autênticas, mergulhadas na riqueza cultural e nas realidades sociais, promovendo o pensamento crítico e reflexivo sobre a realidade brasileira.

Durante a produção desta dissertação, realizou-se um estudo pormenorizado da escritura dos romances *Becos da memória* (2020), de Conceição Evaristo e *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior elaborando uma análise e reconhecimento da literatura negro-brasileira, não apenas como uma forma de expressão artística, mas como uma manifestação reivindicatória enraizada nas experiências, conquistas e desafios da comunidade negra. Cada

personagem, cada espaço e cada voz são elementos que contribuem para a construção identitária e afirmação do sujeito negro no contexto brasileiro.

A literatura negro-brasileira nasce na e da produção negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação [...]. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro”. (CUTI, 2010, p. 44-45).

É importante destacar nesta investigação literária que os romances *Becos da memória* e *Torto arado* visam compreender como a escritura e a voz negra são representadas no romance contemporâneo, abordando temas como ancestralidade, protagonismo feminino negro, segregação racial e resistência. Essa abordagem tem em vista explorar a heterogeneidade de vivências, comportamentos e particularidades das personagens, além de romper com preconceitos enraizados na cultura afro-brasileira ao vozeir aqueles que sentem na pele as consequências de viver em um ambiente hostil e marginalizado. Ao enfatizar essas questões, aproxima a ficção a um cenário social que ainda atinge, de forma muito significativa, o povo brasileiro, transformando-se em uma ferramenta poderosa para libertação das amarras impostas por estereótipos e preconceitos, que comumente relegam o sujeito negro a uma posição subalterna na sociedade.

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento, que o aprisiona em uma imagem inferior e alienada, na qual inadvertidamente ele se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada a priori, com a mesma beleza, com a mesma naturalidade que é concedida ao branco, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. Tornar-se negro, portanto, ou consumir-se em esforços por cumprir um veredito impossível – desejo do outro – de vir a ser branco: são as alternativas genéricas que se colocam ao negro brasileiro que responde positivamente ao apelo da ascensão social. (SOUZA, 1983, p. 77).

Ao legitimar a própria negritude, o indivíduo negro desafia as expectativas sociais que procuram enquadrá-lo em grupos limitadores, que frequentemente impõem padrões preestabelecidos. Nos romances *Becos da memória* e *Torto arado*, essa construção identitária é marcada por desafios únicos em que as personagens recusam-se a render a padrões que não representem sua autenticidade. As vozes femininas que narram os romances efetivam as marcas intimistas que retratam as memórias dos ancestrais como forma de ser e existir do negro, que tem em vista desfazer o autoconceito que outros têm sobre ele.

Ao analisar a escritura e as vozes narrativas influenciadas pelo contexto social vivenciado tanto por Conceição Evaristo quanto Itamar Vieira Júnior, faz-se necessário refletir sobre a importância da relação entre literatura e memória. A narrativa literária pode se valer da memória individual ou coletiva para revelar o passado, buscando novas perspectivas por meio da escrita literária. Essa conquista é significativa para os escritores negros, uma vez que desempenha um papel importante na desconstrução de estereótipos estabelecidos. Nas palavras de Sueli Carneiro, militante e filósofa negra, fundadora do *Geledés Instituto da Mulher*¹:

um sonho construir essa memória, me ocupar com essas coisas, facilitando, assim, que isso chegue facilmente às próximas gerações militantes. Essa é uma questão da maior importância, porque o pensamento desses intelectuais continua absolutamente imprescindível para conhecermos nossa trajetória como um povo vilipendiado e, sobretudo, para preservar a memória da resistência, que está na África e em todos os continentes. É inadmissível a gente não ter o trabalho de Lélia Gonzalez organizado numa publicação, disponibilizado na internet. Para mim, essa tarefa é parte de um desafio importante, de construção e preservação da nossa memória, a memória das nossas lutas, da nossa resistência no Brasil e no mundo. Essa é uma questão que ainda me mobiliza muito. (BORGES, 2009, p. 99-100).

A crítica literária é um campo multifacetado que vai além da simples análise técnica das obras, buscando compreender e avaliar o impacto que elas têm sobre os leitores, independentemente de contexto cultural, social, político e econômico. Na literatura contemporânea, pesquisas que entrecruzam a realidade humana com a narrativa ficcional têm sido realizadas visando persuadir o leitor de que a literatura, apesar de ser uma obra de ficção, constantemente se conecta com a realidade, a fim de repensar o comportamento humano e suas consequências para o futuro da sociedade. Nesta perspectiva, as narrativas *Becos da memória* (2020) e *Torto arado* (2019) apresentam uma noção de verossimilhança e fatos que sugerem comportamentos de mundos possíveis que trazem as vozes representadas como sujeitos das suas necessidades e aspirações, conscientes daquilo que se anseia.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a experiências alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUSA, 1983, p. 17-18).

Toda essa “força” reverbera como um resgate da memória que, aliado à necessidade de transformação, ecoa sobre a sombra da memória coletiva. De acordo com Lucien Goldmann

¹ Geledés Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>. Acesso em: 23 fev. 2024.

(1976, p. 19), “A consciência coletiva não é uma realidade autônoma; elabora-se implicitamente no comportamento global dos indivíduos que participam na vida econômica, social, política, etc.” No entanto, os escritores de *Becos da Memória* (2020) e *Torto Arado* (2019) manifestam em seus respectivos romances a intenção máxima de um resgate histórico, ao conceber a história como fator indicativo das ações das personagens, visando à formulação de uma consciência identitária.

Em seu romance *Becos da Memória* (2020), Conceição Evaristo explora, por meio da ficção, o universo de uma sociedade marginalizada composta por um cenário urbano violento e desigual. As suas vivências pessoais oportunizam à protagonista Maria-Nova que exponha as experiências de seu passado na favela, entrelaçando-as às memórias dos mais velhos. A narrativa ficcional de Conceição Evaristo entrecruza memória e inovação, dando significado às questões sociais importantes que merecem ser discutidas e repensadas, pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (DA SILVA, 2016, p. 248). As memórias de um indivíduo jamais são meramente suas ao ponto de que qualquer lembrança possa coexistir isoladamente de um grupo social.

Em *Torto Arado* (2019), Itamar Vieira Júnior produz uma trama que se desenrola na comunidade rural de Água Negra. A narrativa oferece uma descrição detalhada da vida cotidiana do sertão nordestino, situado entre os rios Utinga e Santo Antônio. Nesse contexto desafiador, marcado pela alternância entre secas severas e as águas abundantes dos marimbus, a história se desdobra ao destacar a vida complexa e contraditória das personagens femininas, Bibiana e Belonísia. Mulheres, oprimidas e, ao mesmo tempo, resistentes, tornam-se representações simbólicas da luta contra as injustiças sociais impostas às minorias em função da condição escravagista impregnada na sociedade brasileira. A interação entre os seres humanos e a terra é explorada em seus diversos aspectos, incluindo a dimensão sagrada, caracterizada pelo respeito à terra, bem como o conhecimento transmitido de geração em geração.

A fim de se alcançar resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, propõe-se investigar, por meio de uma análise qualitativa, as múltiplas vozes e escrituras que os autores Conceição Evaristo e Itamar Vieira Júnior, mesmo distantes geograficamente, compartilham na tessitura narrativa as histórias de vidas que se entrelaçam em temáticas marcadas pela violência (ou traumas) e pela negação social. Nestes termos, é possível compreender que o trabalho da escritura dos autores molda aos interesses sociais que o resgate ao passado permite ao leitor um olhar crítico sobre o presente, a fim de repensar e refletir sobre ações e atitudes comportamentais que são degradantes à sociedade.

Para realização desta pesquisa, busca-se uma revisão bibliográfica tendo como aportes teóricos: Antonio Candido (2019), Beatriz Nascimento (2021), Cuti (2010), Karl Erik Schollhammer (2009), Aleida Assmann (2016), Ecléa Bosi (2004), Kabengele Munanga (2012), Lélia Gonzalez (2020), Leyla Perrone-Moisés (2016), Maurice Halbwachs (2013), Márcio Seligmann-Silva (2020), Neuza Santos Souza (1983), Tânia Pellegrini (2018), entre outros. A fundamentação teórica desta dissertação, de forma geral, ampara-se no estudo da literatura contemporânea negro-brasileira, especificamente em uma literatura que evidencie a representatividade feminina. Nesse sentido, foram realizadas leituras dos romances em análise, identificando o papel dos escritores, da voz narradora e das personagens na construção do protagonismo negro. Logo, o texto está dividido em quatro seções: *Introdução*; *Vozes e escrituras na literatura afro-brasileira contemporânea*; *Memória e Resistência: um Brasil marcado pelo silenciamento dos seus ancestrais* e, finalmente, as *Considerações finais*.

No primeiro capítulo, apresenta-se a exploração das vozes e escrituras negras presentes na literatura afro-brasileira contemporânea, enfatizadas nos romances *Becos da Memória* (2020), de Conceição Evaristo, e *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. Este capítulo delinea os percursos literários dos dois autores, o estilo pelo qual suas obras transcendem as palavras e os caminhos percorridos pelo próprio negro em busca de sua emancipação. Conceição Evaristo não apenas conta histórias, mas também proporciona conhecimentos diante das complexidades da identidade negra no contexto brasileiro. Sua escritura se torna um meio de fortalecer as vozes historicamente silenciadas que validam a luta do ser negro na busca por representatividade e na preservação da tradição de seus ancestrais. Itamar Vieira Junior revela uma escrita que se destaca ao explorar as tradições da comunidade negra e conduzir o leitor para o cerne da vida rural brasileira. Ao captar e transmitir as vozes, memórias e lutas dessa comunidade, o autor contribui para uma representação inclusiva das realidades negligenciadas do interior do Brasil. Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior fazem uma análise de como seus romances atuam quanto agentes de emancipação, permitindo que as vozes minoritárias sejam ouvidas e ressoem no contexto literário contemporâneo.

O segundo capítulo, mergulha na temática da memória e resistência, destacando como o Brasil é marcado pelo silenciamento de seus ancestrais; o artifício que os autores incorporam as marcas da ancestralidade e do realismo representativo em suas narrativas; a análise das memórias individuais e/ou coletivas que os espaços ganham vida, sendo testemunhas das experiências, lutas e triunfos dos sujeitos negros. Apresenta-se, ainda, a validação do espaço e a construção identitária que resgata a dignidade desses sujeitos, mas

também provoca as narrativas predominantes que historicamente os relegaram a posições secundárias.

Por fim, as considerações finais destacam a importância da reafirmação da escritura produzida pelo próprio negro, ressaltando a relevância de suas vivências individuais e/ou coletivas, que o reconduz ao centro de sua história, e não em uma posição de subalternidade. Ressaltam-se os resultados da análise de temáticas sobre a ancestralidade em defesa do fortalecimento da identidade e memória negro-brasileira, bem como a consolidação da representatividade feminina negra, que contribui para o enfrentamento ao segregacionismo estrutural que se estabeleceu há séculos e permanece estagnado na sociedade brasileira.

CAPÍTULO 1 - VOZES E ESCRITURAS NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

O que engrandece um povo é a sua luta diária e o enfrentamento diante da barbárie de uma sociedade que silencia e oculta uma história que ocupa a posição subalternizada no cenário nacional. Como observa Domício Proença Filho na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Negro brasileiro*, em seu artigo intitulado *A trajetória do negro na literatura brasileira*, “Ao assumir compromissadamente a literatura como espaço de afirmação consciente de singularização e de afirmação cultural, ao assumir-se como sujeito do discurso literário, o negro enfrenta novas e sutis armadilhas marginalizantes” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185). Essa luta tem sido uma fonte de inspiração não apenas para a comunidade negra, mas também para a sociedade como um todo, à medida que as vozes que antes eram silenciadas se tornam cada vez mais audíveis e atuantes.

A literatura afro-brasileira desempenha um papel fundamental na promoção da representatividade, na redefinição de identidades e na reinterpretação da história do negro no Brasil. Segundo Eduardo de Assis Duarte (2010, p. 119), “o termo afro-brasileiro, por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridismo étnico e linguístico, religioso e cultural”. Ao longo dos anos, essa literatura tem se desenvolvido como um campo fértil para expressar as experiências, perspectivas e lutas da comunidade negra, que por muito tempo foi marginalizada na sociedade. Tem-se como um de seus principais objetivos permitir ao negro contar suas próprias histórias, transmitir suas vivências e compartilhar suas perspectivas únicas. Ao fazer isso, ela contribui para a construção de uma narrativa mais abrangente e fidedigna da história do Brasil, desafiando visões tradicionais que muitas vezes marginalizaram a contribuição e a importância dos negros na formação do país.

Diante disso, a literatura afro-brasileira também se destaca por empoderar o negro, elevando-o de um papel de objeto de opressão para o de sujeito ativo. Ao contar histórias que abordam suas lutas, experiências e culturas, a literatura afro-brasileira inspira o valor étnico e encoraja a autodeterminação, sendo essencial para a construção de identidades positivas e a promoção do respeito pela diversidade cultural. Além disso, desafia estereótipos maléficos e proporciona alternativas à visão eurocêntrica predominante, enriquecendo a apreensão da sociedade sobre a riqueza e complexidade das experiências negras. Por meio de diferentes

gêneros literários, como romances, poesia, ensaios e contos, ela ajuda a desconstruir narrativas simplistas e a promover diálogos interculturais mais intensos.

Vale ressaltar que essa literatura não é monolítica e abrange uma variedade de vozes, estilos e temas. Autores como Machado de Assis, Lima Barreto, Conceição Evaristo, Itamar Vieira Junior, Cuti, entre outros, contribuíram e continuam contribuindo para a diversidade do panorama literário afro-brasileiro, oferecendo diferentes perspectivas sobre as questões raciais, sociais e culturais do Brasil. Portanto, durante a leitura do capítulo, o leitor vai deparar-se com um estudo sobre dois autores negros que buscam na literatura afro-brasileira um campo enriquecedor para reflexões sobre a condição do negro, sua representatividade nas artes e a reafirmação do negro como protagonista de sua própria história, além de ser um agente de mudança e progresso social.

Foram escolhidos para esta pesquisa os autores Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior, pertencentes à literatura afro-brasileira contemporânea, tendo como relevância suas vivências para a construção de seus romances *Becos da memória* (2020) e *Torto arado* (2019), respectivamente, que contemplam o mesmo eixo temático em retratar as memórias e vulnerabilidades de uma comunidade desassistida e representadas por vozes femininas negras. O tom assumido por cada voz direciona a narrativa e permite ao leitor perceber que, mesmo as histórias narradas em espaços distintos, uma favela em *Becos da memória* e um povoado em *Torto arado*, dialogam com um ambiente de exclusão, miséria, violência, resistência, entre outros.

O romance *Becos da memória* (2020), de Conceição Evaristo, focaliza o drama dos moradores de uma favela prestes a ser demolida. Mediante uma narrativa ficcional, Maria-Nova é a voz que descreve a vida desses indivíduos e a segregação existente entre os grandes centros e as periferias. Itamar Vieira Junior, em *Torto arado* (2019), narra a história de duas irmãs, Belonísia e Bibiana, ligadas por um evento trágico que transforma suas vidas. No decorrer da narrativa, o escritor apresentará outras temáticas como a relação do homem com a terra que a vê como sagrada, a persistência das relações servis entre trabalhadores e proprietários rurais e a religiosidade do Jarê, prática religiosa de origem africana exclusiva da Chapada da Diamantina, transmitida como herança ancestral. Dessa forma, observa-se que reescrever a história afrodescendente tem sido um esforço constante para os autores em estudo.

Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior primam defender em seus textos um diálogo entre o passado e o presente por meio da literatura afro-brasileira contemporânea, tendo em

vista reaver aspectos sociais e composicionais, com ecos das suas memórias, lutas e resistências e assim, produzir sua literariedade.

Assim, o diálogo na proximidade com o autor tentará descobrir, além da trama e das vozes, das adivinhações e das armadilhas do texto e mesmo das “explicações” preparadas para a ocasião, aqueles materiais indóceis e misteriosos da imaginação, de que maneira a vida ronda a literatura ou a literatura molda a vivência. (ARFUCH, 2010, p. 212).

Os percursos de vida de autores como Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior são exemplares de como a literatura afro-brasileira se torna um meio de autoafirmação, denúncia e representação autêntica. Suas histórias e experiências pessoais deixam marcas profundas nas narrativas que criam, e essas narrativas, por sua vez, tendem influenciar a percepção da sociedade em relação à comunidade negra e às questões raciais. Logo, os autores destacam, em suas narrativas, a mulher negra como protagonista, sendo uma forma de romper com a visão de fragilidade e submissão e, assim, desconstruir narrativas centradas na sociedade patriarcal. “A literatura negro-brasileira, do sussurro ao grito, vem alertando para isso, ao buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudança de paradigmas estético-ideológicos” (CUTI, 2010, p. 12). Daí a importância em estabelecer pontos que conectam vivência e imaginação, possibilitando ao leitor uma melhor compreensão dos próximos capítulos desta dissertação.

Um dos pontos centrais deste capítulo é voltar-se para a literatura afro-brasileira contemporânea na abordagem de uma escritura que desafia e por vezes desestabiliza as normas literárias vigentes. É importante abordar algumas das peculiaridades dos romances em estudo para estabelecer uma base sólida para a análise detalhada que será realizada nos capítulos subsequentes da pesquisa. A análise dessas peculiaridades permitirá uma compreensão mais profunda das obras e dos temas que serão examinados.

Os escritores afrodescendentes buscam estratégias de criação literária acerca da temática do negro e suas representações no panorama cultural como exercício de resgate histórico. Uma dessas estratégias são produções que abrem espaço para múltiplas vozes que denunciam a opressão e a condição marginalizada do negro. Como exemplo, o escritor, poeta e dramaturgo Luiz Silva, o Cuti, em seu livro *Literatura Negro-brasileira* (2010) afirma que:

Certa mordada em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por sucessivas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênicas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou

indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. (CUTI, 2010, p. 13).

Nesse sentido, a literatura é vista como uma rede de apoio cujo leitor dispõe de mecanismos e conteúdos que particularizam um grupo e uma época, representando-os e reinventando-os. A respeito do impacto e conceito do que é literatura, o filósofo e crítico literário britânico Terry Eagleton (2006) menciona que literatura é a escrita inventiva ou imaginativa. Ele disserta sobre o que é literatura a partir da concepção formalista, que considerava a linguagem literária um conjunto de normas e desvios da norma, como se a literatura fosse “uma forma ‘especial’ de linguagem, em contraste com a linguagem ‘comum’, que usamos habitualmente” (EAGLETON, 2006, p. 7). Visto que, para os formalistas toda a literatura é como poesia, porém, segundo Terry Eagleton (2006), a literatura vai além da poesia, ela também contém, por exemplo, obras realistas ou naturalistas que ele diz não serem linguisticamente autoconscientes, nem constituem uma realização resguardada.

Ainda segundo o ponto de vista de Terry Eagleton (2006), a literatura é o discurso não pragmático que, para o crítico literário, consegue alienar a fala comum e, quando isso ocorre, nos leva a vivenciar a experiência de maneira mais íntima, mais intensa. Mesmo a literatura sendo um discurso não pragmático, ele ressalta a dificuldade em definir a literatura de forma “objetiva”, pois sua definição está atribuída na maneira pela qual um indivíduo a lê e não na natureza do que é lido. A literatura se faz por meio do sentido que lhe é conferido e conforme o seu tempo, ultrapassando a estrutura formal do texto em si.

Devido à sua natureza multifacetada, a literatura vai além da mera racionalidade e pode-se dizer que carece de neutralidade, ao carregar intrinsecamente marcas ideológicas e intenções dentro de cada expressão textual. De acordo com Antoine Compagnon (2009, p. 50) a “literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia”. É com essa convicção que, no decorrer deste capítulo, aborda-se uma escrita que desafia e por vezes desestabiliza as normas literárias vigentes que se mantêm como ideal para uma elite predominantemente branca, patriarcal e racista. E seguindo rumo contrário ao pensamento anterior, considera-se que a escrita literária seja uma leitura da sociedade e, assim,

[a] literatura nos traz a história emocionada, não apenas a informação fria do historiador, mas a possibilidade de experimentarmos sensações e emoções de que as personagens ou os “eus” líricos são dotados na obra. Assim, os escritores negro-brasileiros vão se posicionar também no tempo para instaurar no seu trabalho o ponto de enfoque literário. (CUTI, 2010, p. 93).

A literatura oferece uma janela para a vivência humana e permite que os leitores se conectem emocionalmente com as histórias e as personagens. De acordo com Cuti (2010), os leitores podem experimentar o medo, a alegria, a raiva, o amor e outras emoções que as personagens estão vivenciando. Isso torna a literatura uma forma poderosa de transmitir não apenas fatos, mas também os aspectos emocionais e subjetivos das histórias e das experiências vividas.

Pretende-se explorar ainda neste capítulo, a fortuna crítica e literária de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior, com uma análise profunda das obras *Becos da memória* (2020) e *Torto arado* (2019), utilizando trechos e exemplos concretos para uma exploração rica e significativa do impacto literário e social desses autores na literatura afro-brasileira e na sociedade em geral.

1.1 O percurso literário de Conceição Evaristo: a voz que ultrapassa as palavras

Maria da Conceição Evaristo de Brito² nasceu na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, no dia 29 de novembro de 1946. Filha de Joana Josefina Evaristo, lavadeira e passadeira, em relação ao seu pai biológico conhece-se pouco. Em seu registro de nascimento consta um detalhe que sempre a incomodou, uma notificação indicando que havia nascido uma menina de cor parda. Cor esta que sempre soube desde pequena que não a pertencia, pois Conceição Evaristo nasceu negra.

Quando Aníbal Vitorino, seu padrasto, chegou a sua vida, sua mãe Joana cuidava de quatro filhas sozinha, Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, Maria da Conceição Evaristo e Maria de Lourdes Evaristo. Conceição Evaristo ainda teve mais cinco irmãos por parte de mãe. Criada na favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte, aos sete anos foi morar com sua tia Maria Filomena da Silva, irmã mais velha de sua mãe, que era casada com Antônio João da Silva, o Tio Totó, personagens importantíssimas no livro *Becos da memória*. Eles não tiveram filhos. Ele era pedreiro e ela lavadeira. Por terem uma melhor condição de vida, Conceição Evaristo teve mais oportunidades para estudar.

Aos oito anos, Conceição Evaristo conseguiu seu primeiro emprego. Trocou afazeres domésticos nas casas de professores por aulas particulares, assim poderia aprimorar sua

² Grande parte da fortuna crítica da autora citada neste capítulo foi adaptada do portal Literafro (2009).

leitura e escrita, bem como compartilhar tudo o que ganhava e aprendia com seus irmãos. Dona Joana sempre buscava o melhor para seus filhos quando se tratava principalmente de educação. Ela os matriculou em duas escolas públicas que atendiam uma clientela mais elitizada de Belo Horizonte, ainda que houvesse outras mais próximas à comunidade. Em um depoimento intitulado *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*, concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras realizado na Faculdade de Letras da UFMG e que o texto foi publicado no Portal Literafro da UFMG, em maio de 2009, Conceição Evaristo sentiu na pele, já na infância, o verdadeiro significado de exclusão.

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um “apartaid” escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. Entretanto, ao ser muito bem aprovada da terceira para a quarta série, para minha alegria fui colocada em uma sala do andar superior. Situação que desgostou alguns professores. (LITERAFRO, 2009, s/p).

Conceição Evaristo e seus irmãos tiveram suas vidas marcadas pela negação social que as menções negativas se materializavam ao pobre e negro. Já a inteligência, a capacidade e outras qualidades positivas estavam continuamente com o rico e branco. Mesmo sentindo toda essa segregação que envolve a presença do negro em um ambiente que incomodava tanto professores quanto alunos, Conceição Evaristo foi proficiente em sua aprovação da terceira para a quarta série. Deste modo, foi transferida para uma sala do andar superior, situação esta que desagradou muita gente. Por ser uma menina negra e pobre, não se intimidava com nada e muito menos se rebaixava quando se tratava de eventos propostos pela escola, principalmente nos concursos de leitura e redação.

A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semialfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. (LITERAFRO, 2009, s/p).

O principal tema abordado por Conceição Evaristo é a sua formação enquanto leitora, a maneira como se aproximou da literatura, acontecimento que passa pela oralidade e por sua situação de pobreza. Com isso, é possível perceber como ela transformou os ensinamentos que recebeu de seus familiares e dos livros que conseguia ler em motivo para escrever, o que já indica um caminho importante para pensar os textos memorialísticos: quem olha o passado e escreve acerca dele é a pessoa do presente; ou seja, é o ponto ao qual se chegou na vida que sugere as perguntas lançadas ao passado e que propõe a maneira de se analisar as memórias. Dessa forma, os textos memorialísticos são também subjetivos.

Logo já se via que se destacaria na vida por sua insistência na busca pelo conhecimento e em não permitir que a excluíssem das oportunidades que surgiam. A invisibilidade do percurso histórico da escritura feminina negra na literatura brasileira deixou lacunas que contribuíram para potencializar o domínio masculino, no que concerne à produção literária, e assim, inferiorizar a presença da mulher. Sobre a escrita feminina, Michelle Perrot (2016) assinala que

sua escritura ficava restrita ao domínio privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa. [...] Publicar era outra coisa. [...] Elas [mulheres] ganham a vida com seu trabalho e não pretendem ter o título de “escritoras”: fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las como tais. (PERROT, 2016, p. 97-98).

É o retrato de uma sociedade patriarcal que restringia os direitos das mulheres, incluindo o direito à criação literária. Em 1958, ao terminar o primário, ela ganhou um concurso de redação que tinha o seguinte título: “Por que me orgulho de ser brasileira?”. Apesar dos muitos obstáculos, persistiu nos seus propósitos e concluiu sua formação básica em escolas públicas. Aos 17 anos, Conceição Evaristo ingressou no movimento da JOC (Juventude Operária Católica) que promovia reflexões sobre a realidade brasileira.

Ao terminar o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, sua família passou por um período difícil com o desfavelamento da comunidade em que viviam. Não adiantou ter um diploma de professora nas mãos e sem oportunidades para exercê-lo, a solução foi sair de Belo Horizonte. Em 1973, partiu para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e entrou na graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na década de 1980, movimentos pela igualdade social surgiram de maneira efervescente em diversas partes do Brasil, despertando em Conceição Evaristo o interesse

para a escrita literária que expusesse a cultura afrodescendente e permitisse resgatar suas vozes silenciadas ao longo dos séculos.

A imprensa brasileira no período pós-abolição costumava representar os negros de maneira depreciativa nos jornais e não fornecia espaço suficiente para divulgar eventos promovidos pelas comunidades e associações negras, tampouco para debater problemas e fazer reivindicações relativas a essa população. (MATTOS, 2012, p.188).

Seus primeiros contos e poemas foram publicados nos *Cadernos Negros*, projeto idealizado pelo Coletivo Quilombhoje, série literária independente que veicula textos afro-brasileiros. A série foi concebida por jovens estudantes que acreditavam no poder de conscientização, sensibilização e acolhimento da literatura, e constataavam na poesia uma possibilidade de expressar e promover uma arte propriamente negra. Em 1996, defendeu seu Mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a dissertação intitulada *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade* e, em seguida, pela Universidade Federal Fluminense, realizou o doutorado em Literatura Comparada defendendo a tese *Poemas Malungos-Cânticos Irmãos*, em 2011.

Conceição Evaristo, mulher marcada pelo preconceito, visou retratar em seus textos a afirmação da identidade negra, sobretudo pela voz e vivência de uma. Assim, aderiu à sua escrita a expressão: *escrevivência*. “Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. [...] afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência” (EVARISTO, 2016, p. 7). Inconformada com a desigualdade social e exclusão, reconstrói a história das várias personagens emudecidas pelas injustiças, dramas que protagonizam sua escrita, articulando um diálogo entre passado e presente.

A escrita de resistência e autoafirmação ganha força nas obras de Conceição Evaristo por ser uma ferramenta que abre espaço para que a voz daqueles que sempre foram inferiorizados e oprimidos seja rompida. A reescrita do passado se dá na inclusão das múltiplas vozes, experiências e discursos na construção das narrativas. Mediante isso,

A escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma só vez no passado distante e que, não raro, foi ouvido por uma única testemunha [...] Também o que é calado no curso da conversação banal, por medo, angústia ou pudor, soará no monólogo narrativo, no diálogo dramático. E aqui são os valores mais autênticos e mais sofridos que abrem caminho e conseguem aflorar à superfície do texto ficcional. [...] É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. (BOSI, 2002, p. 27).

Conceição Evaristo, por ser escritora de literatura brasileira e afro-brasileira, apoiada em sua memória ancestral e no resgate histórico do povo negro para a construção de suas narrativas, designa às mulheres negras o poder da enunciação. De acordo com Mirian Cristina dos Santos, em seu livro *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea* (2018),

[...] a voz feminina é limitada à voz das mulheres brancas, letradas e de classe média alta. Nesse processo, considera-se que as representações literárias produzidas por intelectuais negras possibilitariam a observação de uma grande luta para questionar privilégios não apenas de gênero, mas também étnico-raciais e de classe. (SANTOS, 2018, p. 21).

Reconhecer a produção de escritoras negro-brasileiras é permitir que potencializem o sentimento de pertencimento no cenário cultural brasileiro. Ao destacar as vozes negras, a sociedade pode ser confrontada com as realidades do racismo e da discriminação presentes no Brasil. As escritas negras trazem novos enredos, estilos literários e formas de expressão que enriquecem o panorama literário brasileiro e o tornam mais plural e vibrante. A diversidade literária enriquece a cultura de um país. Em uma entrevista concedida a Júlia Dias Carneiro, BBC Brasil no Rio de Janeiro, em 09 de março de 2018, Conceição Evaristo explica o uso da expressão “escrevivência” para falar na sua escrita, feita a partir de suas vivências como mulher, negra, de origem pobre.

Não é que o homem não possa escrever sobre a mulher. Pode. Não é que o branco não possa escrever sobre o negro. Pode. Mas quando esse discurso falado ou escrito carrega a nossa subjetividade, justamente porque ele nasce num lugar social, num lugar de gênero, num lugar racial diferente, ele traz determinadas peculiaridades que aquele que escreve de fora, por mais que seja competente do ponto de vista intelectual ou emocional, não vai trazer. Ele não traz uma carga de quem escreve de dentro. (CARNEIRO, 2018, s/p).

Ponciá Vicêncio, o primeiro romance de Conceição Evaristo publicado em 2003, narra a trajetória da personagem homônima Ponciá desde sua infância até a fase adulta. “Ponciá Vicêncio” é um romance que trata de temas como identidade, memória, pertencimento e superação. A história segue a vida de Ponciá, uma mulher negra nascida em uma pequena comunidade rural em Minas Gerais. Ela passa por diferentes fases de sua vida, incluindo a infância, adolescência e a vida adulta na cidade grande.

A narrativa é marcada por uma profunda reflexão sobre a identidade, especialmente a identidade racial e cultural da protagonista. Através das memórias de Ponciá e de suas conexões com as histórias de seus antepassados, a autora explora como a ligação com as origens é essencial para a compreensão de quem somos e de onde viemos. As lembranças e

vivências passadas funcionam como âncoras que ajudam Ponciá a navegar pelas dificuldades e desafios de sua vida presente.

O conceito de pertencimento também é central na obra. Ponciá, ao longo de sua jornada, lida com o sentimento de deslocamento e estranhamento tanto em sua comunidade de origem quanto na cidade grande. A busca por um lugar onde ela se sinta verdadeiramente parte é uma constante em sua trajetória. A representação da mulher negra, muitas vezes marginalizada e silenciada na literatura tradicional, é um aspecto significativo do livro.

Conceição Evaristo, como escritora e ativista, revisita as experiências e perspectivas das mulheres negras, oferecendo uma voz poderosa que contribui para uma literatura mais inclusiva e diversificada. Ao explorar o passado de Ponciá e sua relação com suas raízes, a escritora também destaca a importância de preservar a memória das comunidades negras e reconhecer a contribuição histórica dessas pessoas para a construção da sociedade brasileira.

O primeiro exemplar de *Becos da memória* foi lançado em 2006, constituindo um romance de cunho biográfico e memorialístico centrado no drama dos moradores de uma favela prestes a ser desmantelada e que sob o olhar de uma menina de 13 anos, a narradora Maria-Nova, representa a voz dos moradores em diversos momentos.

Se a publicação de *Becos da memória* levou vinte anos para acontecer, o processo de escrita do livro foi rápido, muito rápido. Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido, um dia. Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção. (EVARISTO, 2020, p. 10-11).

Conceição Evaristo articula sua escrita por meio da vivência de um grupo marginalizado submetido à violência em suas diversas modalidades. A violência, seja ela física, psicológica ou estrutural, é um tema recorrente na obra evaristiana. O romance não apenas expõe as feridas causadas pela violência, mas também celebra a humanidade e a dignidade dessas personagens. Além disso, a escrita de Conceição Evaristo também explora as interseções entre raça, gênero e classe social, mostrando como esses fatores se entrelaçam para criar experiências únicas e complexas. Ela questiona as estruturas sociais que perpetuam a marginalização e a violência contra esses grupos e convida o leitor a uma reflexão profunda sobre as injustiças presentes na sociedade.

A autora engajou-se também na poesia, publicando uma coletânea de poemas intitulada *Poemas da recordação e outros movimentos*, em 2008, que se sustenta em memória, resistência, crítica social, familiar e religiosa. Nessa coletânea, assim como em sua

prosa, Conceição Evaristo mergulha nas histórias e memórias da comunidade negra, dando voz às experiências muitas vezes esquecidas ou marginalizadas. Através de seus poemas, ela oferece uma visão íntima e profunda dessas vidas e lutas, utilizando a linguagem poética para transmitir emoções e reflexões complexas. A memória é um elemento central em sua poesia. Conceição Evaristo resgata e celebra as histórias de seus antepassados, tecendo uma teia de conexões entre passado, presente e futuro. Ela enfatiza como a memória coletiva é uma ferramenta poderosa para a resistência e para a preservação da identidade cultural. Nota-se na epígrafe de abertura do livro:

O olho do sol batia sobre as roupas do varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia [...]. (EVARISTO, 2008, s/p).

A antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), composta de 13 contos que narra atendendo o resgate da oralidade e da memória das personagens femininas negras, suas dores, ambições, medos, no entanto, conseguiram criar meios para resistir, superar e denunciar práticas racistas e sexistas que subsistem na sociedade brasileira. Os contos exploram as estratégias de sobrevivência, os laços comunitários e as formas de solidariedade que as mulheres negras cultivam para lidar com as adversidades. Ao mesmo tempo, essas histórias denunciam os sistemas de opressão e lançam luz sobre as desigualdades profundas que persistem na sociedade. Essa antologia é um testemunho do poder da literatura em questionar normas sociais e promover a empatia. Ela contribui para ampliar a compreensão das complexas experiências das mulheres negras no Brasil e incentiva a sociedade a refletir sobre a urgência de lutar contra o racismo e o sexismo em todas as suas formas.

Conceição Evaristo ao longo da construção das narrativas se revela juntamente com a narradora e personagens, entrelaçando suas experiências de vida com as histórias narradas. “Toda a minha escrita, poemas, contos, romances e até ensaios cumprem um ato de escrivência. Assim como algumas das histórias escutadas no interior de minha família foram apropriadas como material narrativo para a escrita” (EVARISTO, 2013, p. 163). A autora transita por diversos gêneros literários registrando e recriando histórias. Essa diversidade em sua produção literária contribui para uma compreensão mais completa e profunda das realidades da comunidade negra no Brasil e das complexidades das experiências humanas.

Em 2014, a escritora publicou *Olhos d'água*, uma coletânea de contos escritos por ela entre os anos de 1990 a 2010, em que denuncia a violência na periferia com histórias marcadas pelo sofrimento e luta diária de uma camada social negligenciada pelo nosso país. *Olhos d'água* tematiza nos contos o amor, a prostituição, o trabalho doméstico, a exploração do trabalho infantil, a homossexualidade, a violência contra a mulher, entre outros. No primeiro parágrafo de apresentação de *Olhos d'água*, Jurema Werneck traz uma reflexão de prováveis situações que recriam as problemáticas em torno da representação da feminilidade negra: “A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos têm). Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor” (EVARISTO, 2015, p.13). Essa citação reflete um dos principais temas que permeiam o trabalho de Conceição Evaristo: a exposição das complexidades das vivências das mulheres negras no Brasil. Sua obra desafia as normas sociais, questiona o *status quo* e convida os leitores a enxergar além das aparências, reconhecendo as histórias individuais e coletivas que moldam as vidas dessas mulheres.

Conceição Evaristo com *Olhos d'água* representa uma conquista grandiosa e o reconhecimento para os escritores afro-brasileiros, ficando em 3º lugar no *Prêmio Jabuti de literatura* na categoria de contos e crônicas em 2015. A produção literária evaristiana foi contemplada por vários outros prêmios que reforçam a representatividade afrodescendente na literatura brasileira contemporânea. O livro de contos *Histórias de leves enganos e parecenças* foi lançado em junho de 2016 pela Editora Malê³. Segundo Vagner Amaro em uma entrevista ao Portal Literafro realizada pelo professor Luiz Henrique Silva de Oliveira, em janeiro de 2018,

os escritores [negros], de modo geral, criam suas obras a partir da visão de mundo que eles possuem, das suas experiências e perspectivas, o que não necessariamente quer dizer que falam de si ou fazem relatos. Mas a literatura que produzem está impregnada de algo que é uma marca da sua própria existência. [...] Então, a principal dificuldade que um escritor negro encontra está e não está associada à cor da sua pele, pois ele não estará necessariamente fora do jogo por ser negro, mas se opta por ter um projeto literário em que a sua subjetividade está inserida e representada nos seus personagens, sejam eles negros ou não, ele terá mais dificuldade de acessar os grandes investimentos que são feitos em uma obra, pois quem define isso são empresários do mercado editorial, os donos das grandes editoras, um grupo formado, quase exclusivamente, por pessoas brancas. (OLIVEIRA, 2018, s/p).

³ Fundada por Vagner Amaro e Francisco Jorge, em 2015, no Rio de Janeiro, RJ. Foi planejada para dar uma maior visibilidade aos escritores negros contemporâneos e ampliar o acesso às suas obras.

Em 2017, foi consagrada com o “Prêmio ‘Faz Diferença’” do jornal Globo, na categoria prosa. No começo de 2018, recebeu o “Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2017” pelo conjunto de suas obras. Em março do mesmo ano, o “Prêmio Bravo! de Cultura 2018”, na categoria destaque 2017. Em 2019, foi reconhecida como “Personalidade Literária do Ano” e logo em seguida, recebeu uma expressiva homenagem no carnaval do Rio de Janeiro, pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos da Abolição, com o enredo *Conceição Evaristo - a “escrevivência” abolicionista em versos, poemas e contos*⁴. A seguir, a letra, na íntegra, do samba-enredo que retrata as histórias de escravidão que existem desde os ancestrais e que, com a força da voz de uma mulher, luta por liberdade e justiça.

Balança a saudade no peito
 A dor pelos meus ancestrais
 Mulheres (sem voz), sem direitos
 Guerreiras dos próprios ais
 Ecoa a voz dos porões, lamento
 Senzala grita em obediência
 E hoje à comunidade oprime
 A luta se faz regime
 Mas brotam as sentinelas
 As filhas que pedem liberdade
 O fim de toda a maldade
 Eis a voz de todas elas

Ainda choram as lágrimas de outrora
 O meu quilombo é chamado de favela
 Enquanto o negro continua escravizado
 Vai sonhando acordado vive uma quimera

África pequena fonte que traz recordação
 Samba vem do terreiro de Ciata
 Resistência! Na voz o clamor
 Cantando em versos poemas de amor
 Orgulho negro se fez imortal
 Kizomba! É homenagem a Zumbi
 Iluaê é tradição nagô
 Pergunte ao criador
 Quantas lágrimas na tela
 Tem sangue banto colorindo essa aquarela
 Negra flor, eis a senhora liberdade!
 Escrevivência em poesia
 Num canto negro, um pedido de igualdade

Avisa a casa grande, é chegada a Abolição
 Escrita assinada pelas mãos de Conceição
 Reescreve a história baseada no respeito
 Contra toda a injustiça, pelo fim do preconceito. (FIONDA *et al.*, 2019, s/p).

⁴ Esses são os prêmios e homenagens que foram conferidos à escritora até o momento da escrita desta dissertação.

Conceição Evaristo, uma das mais importantes precursoras da luta das mulheres negras na atualidade, não somente por meio de sua escrita, mas também pela conquista de espaços dentro e fora do âmbito literário, segue se espelhando no trabalho de nomes como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, dentre outras. Em 2018, com o falecimento do cineasta Nelson Pereira dos Santos, surgiu-se uma vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL). Logo, o nome de Conceição Evaristo ganhou força para assumir a cadeira pelo reconhecimento de sua dedicação na luta pela causa negra. No dia 18 de junho de 2018, Conceição Evaristo candidatou-se para concorrer à cadeira número 7, que foi ocupada por Castro Alves. A eleição ocorreu em 30 de agosto do mesmo ano, ela recebeu apenas um voto em que acabou sendo eleito o cineasta Cacá Diegues. A escritora não parou sua luta mesmo não conquistando um lugar dentre os renomados nomes que fazem parte da Academia Brasileira de Letras.

Em pleno século XXI, muitas mulheres, sobretudo as negras, têm conseguido expressar suas vozes na sociedade brasileira, mas ainda sofrem com um sistema que dificulta a sua presença no mundo artístico-literário. Isso pode incluir questões como o acesso limitado à educação, falta de visibilidade, ausência de representatividade em prêmios e publicações, entre outros. Muitas vezes, essas mulheres usam a literatura, a música, as artes visuais e outras formas de expressão como ferramentas para se afirmar e reivindicar sua identidade e espaço. Em seu texto *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira* (2004), Conceição Evaristo afirma que:

O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra. (EVARISTO, 2004, p. 6).

Para continuar sua militância pelo reconhecimento da cultura negra e abrir espaço para novas vozes e escritas, Conceição Evaristo, em julho de 2023, inaugurou a *Casa da Escrivivência Conceição Evaristo*, na cidade do Rio de Janeiro. A escrevivência se aproxima do espaço de autoafirmação e de denúncia, no qual a escrita é uma ferramenta que liberta e permite que vozes oprimidas e marginalizadas sejam reveladas. “Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do

esquecimento, invento, invento. Inventei, confundi Ponciá Vicêncio nos becos de minha memória. E dos becos de minha memória imaginei, criei” (LITERAFRO, 2009, s/p). Enquanto houver vozes que não se calem diante do preconceito em legitimar a presença do negro, seja na arte, na política ou no esporte, a luta por esse reconhecimento de igualdade não estará perdida.

1.2 O Brasil profundo revelado pela escrita de Itamar Vieira Junior

Itamar Rangel Vieira Junior⁵ nasceu em Salvador, Bahia, no dia 06 de agosto de 1979. Morou no estado de Pernambuco e, um pouco depois, se mudou para a cidade de São Luís, no Maranhão. A partir dos sete anos, a arte literária já adentrava sua vida. Esse seu interesse pela literatura não foi visto com bons olhos pela sua mãe. Mesmo escondido, continuou escrevendo ficção. Frequentava bibliotecas públicas e desde cedo encontrou na leitura uma forma de refúgio. Em uma entrevista que o autor concedeu à Revista de literatura e artes, São Paulo Review, em 2023, para Ângelo Mendes Corrêa e Itamar Santos, intitulada *Itamar Vieira Junior: as muitas vidas na literatura* ressalta que as melhores lembranças relacionadas aos livros que guarda da infância são:

Os horizontes que se firmaram à minha volta. A descoberta da leitura foi descobrir que uma vida só não basta, podemos ter muitas outras, e a literatura abriga universos paralelos onde seremos outros. Eu poderia ser uma lesma, uma raposa, eu poderia entender outros mundos que não eram os meus. (CORRÊA; SANTOS, 2023, s/p).

Já se notava nas reflexões do autor que era na arte literária que poderia contribuir com discussões, reflexões e integrações de temas a respeito de realidades tão diversas e, ao mesmo tempo, permitir a empatia sobre as questões humanas. “Se a literatura é uma arte, nessa condição ele é um meio de comunicação de tipo especial e envolve uma linguagem também especial” (PROENÇA FILHO, 2005, p. 36). A literatura consegue transcender barreiras geográficas e temporais, permitindo que os leitores se conectem com culturas, épocas e perspectivas diferentes das suas próprias.

⁵ Grande parte da fortuna crítica do autor citado neste capítulo foi adaptada do portal da Revista Forbes (2021) e portal Literafro (2023).

Itamar Vieira Junior incomoda seus leitores ao desenvolver marcas de estilo próprio, incorporando em seus escritos conteúdos que particularizam um grupo e uma época. “Quando alguém se põe a escrever, não é verdade que escreve para si mesmo. Já no ato da escrita, um leitor ideal vai se formando na mente do escritor, alguém que ele gostaria, intimamente, que lesse o seu texto” (CUTI, 2010, p. 28). A criação desse “leitor ideal” na mente do escritor pode influenciar várias decisões durante o processo de escrita. Desde o estilo de escrita até o tom do texto, o escritor considera como seu público imaginário reagiria a essas escolhas. Isso pode levar a uma reflexão sobre a clareza da mensagem, como as ideias são organizadas e a maneira como a narrativa é construída. Em 2012, estreou na literatura com o livro de contos *Dias*, vencedor do XI Prêmio Projeto de Arte e Cultura, no estado da Bahia.

Cinco anos depois, em 2017, lançou outro livro de contos, *A Oração do Carrasco*, que foi um dos finalistas na mesma categoria do 60º Prêmio Jabuti, conseguiu em 2018, o segundo lugar no Prêmio Bunkyo de Literatura e o Prêmio Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores. A obra contém sete contos que desprezam o silêncio e a invisibilidade da classe minoritária, atribuindo-lhe o protagonismo necessário para ser finalmente alcançada. Aos 16 anos, iniciou a escrita do romance *Torto Arado*, que se junta a *Becos da memória* como corpus desta pesquisa, não conseguindo finalizá-la. O autor em uma entrevista intitulada *Itamar Vieira Jr: O Brasil está encalhado no passado, que resiste em ser superado*, cedida à Geisa Marques pela Rádio Brasil de Fato, em fevereiro de 2021, expõe que a escrita de *Torto arado* (2019) sofreu influências de romancistas como Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, além do poeta João Cabral de Melo Neto.

Eu estava completamente influenciado, e comecei a escrever uma história que também se passava [no Nordeste], que tinha como mote a terra, o direito à terra. Claro, eu não tinha maturidade para escrever esse romance. Eu cheguei a escrever 80 páginas, mas essas páginas se perderam numa mudança que fizemos. (MARQUES, 2021, s/p).

Itamar Vieira Junior cursou graduação (Licenciatura e Bacharelado - 2005) e mestrado em Geografia com a dissertação denominada *A valorização imobiliária empreendida pelo Estado e mercado formal de imóveis em Salvador: analisando a avenida paralela*, em 2007, pela Universidade Federal da Bahia. Para auxiliar nas finanças de seus estudos, foi empacotador de supermercado e balconista de farmácia antes de ingressar para o serviço público. Entre os anos de 2006 e 2009, no estado do Maranhão, desenvolveu atividades no Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas. Mesmo dedicando-se na atualidade à

literatura, ainda segue exercendo seu cargo de analista em reforma e desenvolvimento agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no estado da Bahia.

Em 2013, concluiu o doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Centro de Estudos Afro-Orientais, com a tese *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo Iuna*⁶, em 2017, pela Universidade Federal da Bahia. O romance *Torto Arado* foi premiado três vezes, sendo a principal honraria o Prêmio LeYa, em 2018, em seguida o Prêmio Jabuti, em 2020 e o Prêmio Oceanos⁷, também em 2020 (Portugal).

A proximidade de Itamar Vieira Junior com as comunidades quilombolas contribuiu para a construção de embasamentos consistentes que fundamentaram as histórias de luta e resistência fortalecidas pelas vozes que protagonizaram a sua mais importante e reconhecida, até então, construção ficcional, *Torto arado* (2019). Um fato que impressiona durante a leitura desta narrativa é que:

Para as pessoas retratadas no romance, a abolição da escravidão não fez muita diferença, elas continuavam circulando como nômades pelo território, cruzando desde o Rio São Francisco, passando pela Chapada, até o litoral em busca de um lugar que oferecesse abrigo, trabalho, água, alimento, num regime de servidão. (CORSINI, 2021, p. 116).

Torto arado (2019), romance narrado no sertão da Bahia, no início dos anos de 1960, na comunidade quilombola de Água Negra. Esta trama retrata a vida e as tradições de trabalhadores rurais e descendentes de escravos, que mesmo com a abolição no papel, não foram acolhidos socialmente, vivem presos ao seu passado e agem servilmente para sobreviverem. Bibiana e Belonísia, irmãs, negras e protagonistas de uma narrativa imersa nas tradições culturais e religiosas de seus ancestrais, compartilham, por meio de suas vozes, a violência e a luta pelo direito à terra e à emancipação dos trabalhadores de Água Negra.

O campo vive uma violência permanente ainda, é um lugar de muitas tensões. Parece que é um Brasil que está encalhado ali, no passado, que resiste em ser superado. Eu vi muitos trabalhadores que eu conhecia, ao longo desses 15 anos, morrerem nesses conflitos fundiários. Tudo isso me marcou de uma maneira muito forte e atravessa o romance. (MARQUES, 2021, s/p).

⁶ Comunidade quilombola situada em Lençóis, na Chapada Diamantina (BA). Essa comunidade, inclusive, foi palco de uma chacina, em 2017, que vitimou seis pessoas.

⁷ Esses são os prêmios e homenagens que foram conferidos ao escritor até o momento da escrita desta dissertação.

O autor apoia-se em uma escrita carregada de histórias e memórias, de forma consistente e realista, tendo em vista representar e apresentar, por meio da oralidade, um projeto estético e literário que inserisse o leitor no universo rural brasileiro. “A grande maioria dos nossos escritores, em prosa e verso, fala de pena em punho e prefigura um leitor que ouve o som da sua voz brotar a cada passo por entre as linhas” (CANDIDO, 2019, p. 91). Há uma relação íntima entre o autor e o leitor na criação literária. Antonio Candido (2019) enfatiza que os escritores estão transmitindo não apenas palavras, mas também sua própria voz e essência. Isso cria uma conexão especial entre o texto e o leitor, onde a voz do autor ressoa através das palavras escritas.

Doramar ou a odisseia: histórias, coletânea de 12 contos de histórias contemporâneas, divulgada em 2021, retrata a pluralidade cultural que forma o nosso país: negros, indígenas, ribeirinhos, a coragem das mulheres, as religiões afrodescendentes e a sabedoria ancestral. “Cultura sem experiência subjetiva e coletiva resume-se apenas à forma vazia ou preenchida com conteúdo falso” (CUTI, 2010, p. 92). Portanto, a cultura verdadeiramente significativa emerge da intersecção entre a experiência subjetiva e coletiva. Ela é enriquecida quando as vozes e as histórias de várias comunidades são ouvidas e valorizadas.

O romance autobiográfico *Salvar o fogo* (2023) aborda a violência e o racismo que cercam a posse da terra, trazendo uma mulher, Luzia do Paraguaçu, como protagonista. Dentre suas referências, está o alcoolismo do pai do escritor. Luzia mora com o irmão e o pai em um povoado à beira do rio Paraguaçu, no interior da Bahia, conhecido como Tapera do Paraguaçu, de origens afro-indígenas, formado por agricultores, ceramistas e pescadores. Há também neste povoado um mosteiro que representa, com seus dogmas, autoridade moral e proibições, o poder da Igreja Católica que segue ditando o modo de vida das pessoas, principalmente das mais vulneráveis. “Dom Tomás era o senhor a projetar sua sombra em tudo ao redor, não apenas no mosteiro e na escola, como também nas ruas e nas vidas das famílias da Tapera” (VIEIRA JUNIOR, 2023, p. 15). O uso da metáfora da sombra projetada por Dom Tomás sugere uma influência opressiva e dominante. A sombra é muitas vezes associada a algo obscuro e oculto, refletindo como a personagem exerce controle sobre diferentes aspectos da vida das pessoas na comunidade.

É importante destacar que a escrita de Itamar Vieira Junior desenvolve-se acerca da apreciação de um espaço geográfico e de histórias de luta, justiça e resistência que revelam um Brasil sendo explorado intimamente sem renunciar aos ensinamentos de seus ancestrais. “A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a

mutação espiritual” (CANDIDO, 1989, p. 122). A diversidade de temas sociais propostos pelo escritor e a maneira como reporta os testemunhos que o amparam na criação de suas histórias são traços marcantes de uma escrita que provoca os leitores a uma leitura mais apurada para o que está sendo narrado.

1.3 A escritura ficcional contemporânea como campo de emancipação das vozes minoritárias nos romances *Becos da memória* e *Torto arado*

A habilidade da literatura em abordar assuntos relacionados à condição humana e revelar diversas possibilidades de leituras criadas por diferentes vozes e escritas é algo que instiga aqueles que recebem a mensagem, permitindo-lhes se conectarem com vivências e histórias presentes no universo literário. “O ser humano é libertado pela história na qualidade de contador e ouvinte, mas também é aprisionado pela história que constrói” (OLIVEIRA, 2022, p. 16). A dualidade entre libertação e aprisionamento pela história destaca o poder tanto positivo quanto negativo que ela exerce sobre os seres humanos. As histórias podem unir pessoas, inspirar mudanças e fornecer uma sensação de identidade coletiva, mas também podem perpetuar preconceitos, censura e apropriação indevida.

A escrita ficcional na contemporaneidade se refere à criação de narrativas e histórias imaginárias produzidas no contexto atual. É a prática de escrever obras de ficção que refletem as preocupações, desafios, valores e sensibilidades do mundo contemporâneo. Essa forma de escrita abrange uma ampla gama de estilos, gêneros e abordagens, mas todas compartilham a característica de explorar temas relevantes para a sociedade atual. Ela difere das formas literárias do passado devido à influência das mudanças culturais, tecnológicas, sociais e políticas que ocorreram ao longo do tempo. Para Jacques Derrida (2002), a escrita ficcional contemporânea é extrapolar o que é verossímil. Então, pode ser caracterizada como aquela que tem autonomia no seu processo de construção em concordar com o que é real e imaginário. Logo, Jacques Rancière (2009) sugere que a representação artística ficcional deixe claro ao leitor o que seja ficção e mentira. Ele afirma que:

Não se trata de dizer que tudo é ficção. Trata-se de constatar que a ficção da era estética definiu modelos de conexão entre apresentação dos fatos e formas de inteligibilidade que tornam indefinida a fronteira entre razão dos fatos e razão da ficção, e que esses modos de conexão foram retomados pelos historiadores e

analistas da realidade social. Escrever a história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade. (RANCIÈRE, 2009, p. 58).

Pode-se dizer que a literatura contemporânea é uma releitura mítica da realidade do mundo, onde as fronteiras entre o que é considerado razão e ficção são intencionalmente difusas. Nesse contexto, a interpretação e o significado das narrativas ficam nas mãos do leitor, desafiando-o a questionar, interpretar e extrair significados em uma abordagem mais ativa e participativa. A literatura contemporânea, assim, torna-se um suporte para a expressão artística ir além da mera transmissão de histórias, impulsionando a reflexão sobre temas sociais, culturais e filosóficos.

Há os que entendem que a obra literária envolve uma *representação* e uma *visão* do mundo, além de uma *tomada de posição* diante dele. Tal posicionamento centraliza, assim, suas atenções no *criador* de literatura e na *imitação* da natureza, compreendida como cópia ou reprodução. (PROENÇA FILHO, 2005, p. 9).

Esse envolvimento assinala a passagem do pensamento moderno para o contemporâneo, propiciando as inter-relações entre a tríade autor, trama e leitor. Contudo, a manifestação da autoconsciência do fazer ficcional pode levar a uma reflexão pormenorizada sobre os efeitos de sentido trabalhados em uma obra, não só retomando a discussão sobre a verossimilhança dos fatos, mas também, intensificá-los na sua construção. Evelina Hoisel, professora e pesquisadora de Teoria da Literatura, em sua obra *Teoria, crítica e criação literária – o escritor e seus múltiplos*, afirma que:

A modernidade artística é compreendida a partir de uma autoconsciência no que se refere à sua condição de arte. O traço particularmente moderno é a consciência dos limites e das possibilidades da linguagem. [...] O poeta moderno é aquele que, no processo de desconstrução e reconstrução, imprime marcas de sua consciência crítica no próprio espaço literário e é capaz de fertilizar também uma consciência crítica no leitor. O poeta moderno não é apenas poeta. Ele é também teórico, crítico e historiador da literatura. (HOISEL, 2019, p. 10-11).

O escritor contemporâneo apresenta marcas da contemporaneidade no seu processo de criação, permitindo diferentes reflexões em relação à leitura e à escrita, atraindo a atenção do leitor, a fim de levá-lo ao devir, por meio do desassossego e indagações. A escrita contemporânea tem em vista refletir a complexidade e a diversidade da época em que é produzida. Ela não apenas capta a essência da contemporaneidade, mas também desafia os leitores a considerarem novas perspectivas, a explorarem suas próprias inquietações e a se envolverem em um diálogo literário que reflete as complexidades do mundo moderno. De

acordo com Roland Barthes (2013, p. 32), “é preciso ceder à impaciência do texto, nunca esquecer, não importa as exigências do estudo, que o prazer do texto é a nossa lei”. Nessa perspectiva, a literatura brasileira contemporânea tem, cada vez mais, assinalada, em suas obras, marcas significativas do contexto histórico e apresentado em seus romances, elementos que esclarecem as crises existenciais do homem pós-moderno. A obra literária é independente diante da sua produção e também da sua recepção, pois, uma vez escrita, tem em vista alcançar, distintamente, cada um dos seus interlocutores. Leyla Perrone-Moisés afirma que:

[...] a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento; porque a literatura de ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode inspirar transformações históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 80-81).

Assim sendo, a literatura atravessa o tempo e continua sendo fonte de inspiração, libertação e provocação para cada novo leitor. “Um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor” (BARTHES, 1988, p. 53). Essa citação de Roland Barthes reflete uma perspectiva pós-estruturalista sobre a literatura, destacando a natureza complexa e em constante evolução da interpretação textual. Logo, convida os leitores a se envolverem ativamente com os textos, explorando as múltiplas camadas de significado e criando um espaço dinâmico de interação entre as escritas culturais e as interpretações individuais. A literatura contemporânea é caracterizada por sua adaptabilidade, experimentação e reflexão sobre a época em que é produzida. Ela desafia normas, expande fronteiras e cria um espaço onde a imaginação e a criatividade podem florescer em resposta às complexidades da contemporaneidade.

Os romances *Becos da Memória* (2020), de Conceição Evaristo e *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior são exemplos marcantes da escrita ficcional contemporânea que visam dar visibilidade a grupos segregados e marginalizados na sociedade. Segundo Regina Dalcastagnè (2012, p. 17), “O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes”. A literatura ficcional é um portal para mundos imaginários e experiências que podem enriquecer nossa compreensão da humanidade e nos inspirar a considerar as possibilidades que vão além da realidade do dia a dia. Ela nos

convida a explorar, refletir e nos apropriar das histórias que nos são apresentadas de maneira única e pessoal. “Já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2020, p. 11). Uma destas possibilidades é o estudo das vozes e a sua representatividade no espaço artístico-literário. Falar de vozes na literatura contemporânea propõe questões que se deparam com uma prosa enredada por sua multiplicidade e pela intensidade do dialogismo interno da palavra.

A polifonia é percebida nas muitas vozes e no conflito de perspectivas dos narradores-personagens sobre os membros e eventos da favela (Becos da memória) e da comunidade quilombola de Água Negra (Torto arado). Assim como reforça Beth Brait (2009, p. 51) ao sintetizar as amplas descobertas de Dostoiévski, — “considera que ele destrói o antigo plano de representação do mundo, substituindo-o pelo caráter dialógico do autor que interroga, provoca, responde, jamais abafando a voz do outro”. É assim que Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior exploram essas vozes em seus romances, deixando fluir no âmbito social e na autoconsciência a construção da essência das personagens. A esse respeito, vale atentar para trechos dos romances *Becos da memória* (2020) e *Torto arado* (2019), respectivamente, que sintetizam o artifício das personagens:

Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. [...] [Tio Tatão] tinha ido à guerra. Tinha histórias também. Mas, das histórias dele, Maria-Nova não gostava. Eram histórias com gosto de sangue. Histórias boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da tia, Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali haveria de repetir ainda. (EVARISTO, 2020, p. 31-32).

Nesse trecho, Conceição Evaristo aborda a conexão entre histórias, memória, emoções e transmissão cultural. A protagonista Maria-Nova é caracterizada pela maneira como ela valoriza e seleciona as histórias que coleciona, revelando como a literatura pode ser uma forma poderosa de preservar a identidade, a experiência e as emoções de uma comunidade.

Quando retomamos as brincadeiras, havíamos esquecido as disputas, agora uma teria que falar pela outra. Uma seria a voz da outra. Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela convivência, a partir de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e os gestos da irmã. Seríamos as iguais. A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também

vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 19).

O fragmento acima ilustra a importância da comunicação profunda, da empatia e da compreensão nas relações humanas. A literatura transcende as barreiras da linguagem e culturais ao permitir que as pessoas se conectem emocionalmente por meio de histórias compartilhadas e experiências universais. Ela tem o potencial de unir as pessoas em um espaço comum de compreensão e reflexão, mostrando a capacidade intrínseca das palavras e dos gestos para criar uma ligação humana profunda e significativa.

A escrita de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior dá vida e sentimentos às personagens que buscam representar suas histórias de luta pela memória coletiva de suas raízes e o sentido que dão às suas vidas. O que difere na construção dessas narrativas é que em *Becos da memória* (2019) a narrativa é entrecortada pelas diversas vozes presentes no discurso, cada uma traz suas características peculiares, porém partilham de um mesmo destino coletivo. Já *Torto arado* (2020) apresenta vozes individualmente significativas e com valor coletivo, mas trajetórias distintas. Apreende-se que a oralidade é um aspecto indispensável para a preservação da história.

Na qualidade de grande metáfora da vida, a literatura constitui-se num caminho para o escritor fundar sua dicção ficcional e buscar recuperar a ternura da condição humana nos seus múltiplos e variados contornos por meio da palavra literária que busca estabelecer uma cumplicidade com o “local da cultura”. (OLIVEIRA, 2022, p. 47).

Esta cumplicidade destaca-se nos romances pela larga presença de vozes femininas que retratam histórias de força, determinação e resistência, as quais não mensuram palavras para expor sobre seus contratempos, apreensões e heterogeneidades. Logo, a voz da favela, que não é nomeada em *Becos da memória* (2019), tornou-se uma peça fundamental no decorrer da tessitura da narrativa, ao marcar o desenrolar das histórias das figuras que vão sendo construídas não somente pela voz da menina Maria-Nova, mas também, de vários moradores. “Hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! [...] Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (EVARISTO, 2020, p. 17). Sendo assim, o narrar das vivências individuais e coletivas provoca o leitor a sair de sua zona de conforto, conduzindo-o a perceber as diversas atmosferas que vão se configurando durante a narrativa. Para Antonio Candido:

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra. (CANDIDO, 2019, p. 187).

Nesses termos, é possível compreender que tanto o trabalho da escrita de Conceição Evaristo quanto de Itamar Vieira Junior se moldam aos interesses sociais e o resgate ao passado permite ao leitor um olhar crítico sobre o presente, a fim de repensar e refletir sobre ações e atitudes comportamentais em relação à sociedade. “A literatura é um fazer humano. Quando é interpretada, avaliada, legitimada ou desqualificada, fica aberto o leque de sua recepção, leque este que se altera no decorrer do tempo em face das novas pesquisas” (CUTI, 2010, p. 13). A escrita negra pode ser analisada, dentre outras probabilidades, como uma tendência dialógica, motivacional e inovadora. O escritor atribui à literatura ficcional a capacidade de construir e reconstruir o fazer literário, conversar com a realidade e se posicionar diante dos diversos conflitos que existem entre os indivíduos que vivem em espaços distintos em busca do reconhecimento de suas histórias. De acordo com Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 37), “uma obra literária é um texto que faz pensar e sentir de modo mais profundo e duradouro e que, por isso, tem de ser lido mais vagorosamente, e mesmo relido”. Quando um texto ficcional é apresentado aos indivíduos sem prescrições, o leitor exerce sua prática de leitura com autonomia, transformando o ato de ler num momento aprazível com o texto.

Uma das principais características do texto literário, em oposição a textos que se pretendem puramente informativos, é provocar a capacidade associativa do leitor, é propor ao leitor enigmas para os quais não são dadas soluções, é estimular o leitor a exercer sua liberdade de escolhas interpretativas, é convidá-lo a escrever, através da leitura, o seu próprio livro. (SANTOS; OLIVEIRA, 2019, p. 71).

Conceição Evaristo apresenta em *Becos da memória* (2020) uma leitura visual e pode-se dizer íntima, ao revelar um ambiente não promissor, no caso a favela, e o grande impacto que causa na vida das pessoas. “Era um portão velho de madeira, entre o barraco e o barranco, com algumas tábuas já soltas, e que abria para um beco escuro. Era um ambiente sempre escuro, até nos dias de maior sol” (EVARISTO, 2020, p.15). Com essa mesma proposição, mas em outra ambiência, Itamar Vieira Junior em *Torto arado* (2019), afirma que registrar as histórias de vida de quem vive no campo é um meio de promover a visibilidade dessas histórias, que foram esquecidas ou até mesmo desconhecidas.

Eu não gostaria que esse fosse o único e último romance a falar sobre o campo brasileiro, sobre essa realidade tão diversa e tão profunda. Eu queria que ele fosse visto como começo e, quem sabe, as próximas histórias não serão contadas por eles próprios, pelos próprios trabalhadores, pelas próprias pessoas que vivem no campo. (MARQUES, 2021, s/p).

Assim, a produção narrada por aqueles que vivenciam um contexto específico tem o potencial de criar uma experiência de leitura mais enriquecedora e autêntica. Ela oferece ao leitor uma janela para um mundo real e vivido, facilitando a internalização da obra e aproximando-o da realidade retratada na narrativa. A essência da criação de textos ficcionais é a sua situação conflituosa, que pode se dar entre as ações das personagens, o meio (físico ou social) e o tempo em que elas vivem. “Todo drama é conflito. Sem conflito não há personagem; sem personagem, não há ação; sem ação, não há história; e sem história não há roteiro”, afirma o roteirista hollywoodiano Sid Field (2001, p. 5). O conflito não apenas mantém o interesse do público, mas também cria oportunidades para o desenvolvimento das personagens e a exploração de temas mais densos. É o conflito que gera tensão, dilemas e resoluções, levando as personagens a enfrentar desafios e evoluir ao longo da história.

Entre as singularidades atribuídas aos romances em estudo, destaca-se a voz feminina negra como estratégia de enunciação para revelar o enfrentamento de grupos minoritários para se fazer ouvir diante de uma sociedade racista, sexista e excludente. “A literatura é, assim, um dos poucos exercícios de liberdade que ainda nos restam” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 37). Com base nessa premissa, Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior possibilitam ao leitor identificar as vozes vulneráveis que se unem ao longo das narrativas para se libertarem de uma trajetória marcada por injustiças e exclusão.

Becos da memória (2020), romance evaristiano, é apresentado por um número significativo de noventa e cinco personagens, em que a trajetória (pessoal e social) afetada pela situação de desfavelamento é representada pela voz e sensibilidade da narradora-personagem Maria-Nova. De acordo com Luiz Henrique Silva de Oliveira (2009, p. 621), Conceição Evaristo “remonta ao mundo íntimo dos humilhados e ofendidos, tomados no livro como pessoas sensíveis, marcadas, portanto, não apenas pelos traumas da exclusão, mas também por desejos, sonhos e lembranças”. Com uma linguagem acessível, o romance reflete as experiências de quem sobrevive ao universo periférico sem se deixar vencer pelas dificuldades encontradas. A partir do pouco que tinham, os moradores da favela desfrutavam de raros momentos de alegria e fartura que, por alguns instantes, esqueciam-se da miséria e dos infortúnios que passavam durante a vida.

Além dos festivais de bola, um outro momento em que a favela respirava alegria era nas festas juninas. Numa casa ou noutra, se acendia uma fogueira. Colhia-se dinheiro de quem pudesse dar, comprava-se canjica e seus ingredientes e estava tudo pronto para um encontro, para uma festa. Se viesse alguém que não tivesse participado com dinheiro, nunca lhe seria negado um prato. Entretanto havia uma festa junina que se tornara oficial na favela. A festa de Cabo Armindo. [...] Dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, também. Neste dia, rezava-se o terço e a ladainha de Nossa Senhora. Depois sempre tinha uma mesa farta de doces e biscoitos. Todo mundo comia. Muitos nem gostavam de rezar, mas iam pelo lanche. (EVARISTO, 2020, p. 43-44).

Os moradores da favela travavam uma luta diária contra as amarras da desigualdade social, porém, conscientes dos esforços que precisariam ter para alcançar a tão sonhada emancipação. Assim, “havia sonhos que não cabiam em barracos, que não se realizavam jamais, havia ilusão para se aguentar a viver” (EVARISTO, 2020, p. 8). Neste aspecto, Walter Mignolo (2003, p.178) explica que “a emancipação como libertação significa não só o reconhecimento dos subalternos, mas também, a erradicação da estrutura de poder que mantém a hegemonia e a subalternidade”. Agir com liberdade é permitir que o processo de autoconstrução preenchesse os espaços vazios que, por muitos séculos, impediram a consolidação de diversas histórias.

Uma voz que era para proteger os seus se rebela contra o próprio povo, a própria luta. Zé Meleca, um dos capangas do Coronel⁸ Jovelino, seria essa voz. Essa frase captura a complexidade emocional e moral de uma situação em que pode criar um dilema ético e emocional para todos os envolvidos, além de levantar questões sobre lealdade, identidade e estratégia de sobrevivência. Por questões relacionadas à terra, ele, a mando do Coronel, assassinou um irmão negro, Pedro Zica. Só que Zé Meleca não esperava que alguém pudesse ter presenciado o ocorrido, mas Homem⁹ assistiu tudo. Na época, era apenas uma criança que banhava nas águas do Rio das Mortes. Naquela noite, ao retornar para casa, percebeu o risco que correu ao testemunhar o fato e que ficou gravado em sua memória. Com o passar dos anos, recebeu ensinamentos de uma professora enviada pelo próprio Coronel. Aquele que considerava inimigo foi quem o auxiliou a não se sentir mais vulnerável. Agora ele sabia mais do que ler e escrever, pois conseguiria enfrentar o inimigo. “Era um homem e, como tal, não poderia calar diante da injustiça” (EVARISTO, 2020, p. 62). Coronel Jovelino andava preocupado, uma vez que o menino cresceu e era desde pequeno um obstáculo para seus

⁸ No decorrer da narrativa, utiliza-se coronel com inicial maiúscula com a intenção de enfatizar o poder que exerciam e como coagiam seus subordinados.

⁹ Personagem escrito com inicial maiúscula com a intenção da autora em fortalecer o papel da personagem na narrativa.

negócios. Homem, era visto como um líder no povoado, pois queria apoiá-los a se unirem para confrontar as maldades daqueles que os perseguiam.

Ele [Homem] ia de vez em quando à cidade e voltava com livros. Trazia notícias sobre o que acontecia por lá. Diz que agora estava lendo para os outros, estudando com eles um jornal que explicava tim-tim por tim-tim, o que era sindicato, greve, liga camponesa, reforma agrária. (EVARISTO, 2020, p. 65).

Logo, muita coisa modificou no povoado após o enfrentamento de Homem que não se deixava intimidar pelas violências ordenadas pelo Coronel. Reuniu um grupo de pessoas e foi ao encontro daquele que destruiu a vida de muitos por ganância, sem dó nem piedade. Coronel Jovelino estremeceu com a cólera nos olhos de Homem quando ficaram frente a frente. Aquele confronto mudou o comportamento daqueles que o presenciaram.

Crianças, mulheres, homens, todos, cada qual à sua maneira, cada qual com seu poder de alcance, de entendimento diante da vida, percebeu que, se ficasse cada um para o seu lado, eles não seriam ninguém. A ideia da cooperativa, que havia muito o Homem discutia com os irmãos, começou a tomar corpo. Era cada um cuidando de sua vida, mas cuidando também da vida dos outros. (EVARISTO, 2020, p. 67-68).

Maria-Nova via em cada história a vontade fortalecida através das ações das personagens de conquistar, um dia, melhores condições de vida, o que pode ser uma fonte de inspiração e motivação para ela e para os outros ao seu redor. Em um universo de histórias mergulhadas na pobreza e no abandono, Vó Rita, pode-se dizer a voz mais expressiva da narrativa, nunca deixou de ser perseverante que um dia a liberdade chegaria para seu povo.

Estava vencendo o tempo de amargo sofrimento e usara uma única arma, o amor. Ela sabia que sua vida não tinha sido jogada fora. [...] Tinha ainda muita esperança para si e para os outros. Não era preciso desespero. A vida haveria de continuar em outro lugar, em outras pessoas. O seu corpo poderia até cair agora, mas outros e outros levantariam. Havia uma razão atrás de tudo. Ela não sabia bem qual seria, mas atrás de tudo alguma razão existia. Era preciso ir adiante. (EVARISTO, 2020, p. 154).

Maria-Nova acolhia com muito cuidado cada história, era como se fosse a única testemunha de uma vida amarga e cheia de lutas que dividiam com ela. Assim, essas histórias não se apagariam com o passar do tempo e as novas gerações teriam uma maior razão para não desistirem de transformar suas vidas para melhor. “A recordação do passado vai ajudar a compreender personagens e fatos que, uma vez ressuscitados, vivos, presentificados pela evocação, revitalizam o tempo. Revitalizar o tempo, reencontrá-lo, é, portanto, conhecer de

novo o passado...” (SANTOS; OLIVEIRA, 2019, p. 57-58). Através da literatura, os leitores podem se conectar com épocas passadas, culturas e experiências que podem ser diferentes das suas próprias. Isso promove um senso de continuidade histórica e a compreensão de como o passado molda o presente.

A intenção de Maria-Nova ao apresentar as experiências de cada personagem é despertar o interesse do leitor em relação à maneira como elas encaravam suas dificuldades diárias e assim (re)escrever suas histórias. Muitas fraquejavam diante das negativas que recebiam quando tentavam reivindicar algo para benefício da coletividade. Porém, no meio desse grupo tinha Negro Alírio que enxergava a situação de forma diferente.

Um dia, um grupo decidiu ir ao escritório da firma construtora responsável pelo desfavelamento, para reclamar da falta que estavam fazendo as torneiras que haviam sido retiradas. A comissão não foi sequer atendida, retornando em estado total de desânimo e desespero. As pessoas voltavam cabisbaixas e condoídas de si mesmas. Carregavam também o complexo de culpa por serem tão pobres. Negro Alírio, ativo no meio de todos, vinha preocupado, porém lúcido, certo, firme. Era o único que pisava num solo que sabia que era seu. Era só uma questão de tempo. Um dia, poderia ser hoje ou amanhã, todos os homens teriam os mesmos direitos. Tempo chegaria em que os homens todos se proclamariam e viveriam como irmãos. (EVARISTO, 2020, p. 153-154).

Mesmo com tanta desgraça batendo às portas da favela, a vida insistia em florir. Dora, companheira de Negro Alírio, estava grávida. Aquela semente iria germinar em outra favela que já havia escolhido a área para construir. Muitos moradores deixaram para trás seus pertences e sonhos. Caminhões saíam a todo instante levando mudanças, enquanto os barracos eram derrubados de qualquer jeito e quase não se dava para aproveitar o que ficava nos entulhos. Dora queria sair o mais rápido dali, já Negro Alírio só sairia quando visse todos seus pertences sendo retirados, pois valorizava cada pedaço e objeto que havia conquistado. A retirada dos moradores era silenciosa e Negro Alírio não se conformava com esse silêncio.

Quem sabe, com os últimos [moradores da favela] seria diferente? “Como as pessoas se entregavam fácil”, pensava ele. Entretanto, reconhecia que não adiantava resistir, pelo menos naquele momento. Estava definido que a área seria mesmo tomada. Mas era preciso que as pessoas pelo menos falassem. Que todo mundo fizesse uma voz única em coro, que fosse capaz de produzir um som eternamente audível, ressoando os lamentos e os direitos sonegados de todos. (EVARISTO, 2020, p. 164-165).

Para ele, todos tinham que protestar, unir suas vozes para demonstrar que aquele lugar pertencia a eles, mesmo que fosse inútil, não poderiam se dar por vencidos assim tão facilmente. Negro Alírio, ao lembrar todas as dificuldades que viveu com sua família e

comunidade, sentia-se que tanto ele quanto o grupo necessitariam de sua força jovial para lutar por um desfecho diferente de suas histórias. Essa memória pode ser uma motivação para buscar uma mudança positiva e romper com padrões adversos do passado.

Negro Alírio lembrou de sua infância, lembrou como foi se comprometendo consigo e com os outros. Tinha certeza de que a História um dia seria diferente. Quem sabe o futuro se faria mais rápido, modificando, assustando o presente. Era preciso crer. Era preciso estar alerta, consciente. (EVARISTO, 2020, p. 165).

Em alguns momentos, Negro Alírio parecia desacreditar em uma vida melhor, pois ficava pensativo diante do que presenciava a sua volta, a fome, a miséria, a desesperança adentrando nos lares de cada indivíduo da favela. Mas, “Havia a luta. Havia o amor de Dora. Agora havia uma semente sua plantada no útero-terra da mulher. Ele não tinha remorsos nem preocupação com isso, porque, a cada momento, a cada ato seu, ele não se esquivava, não se furtava de assumir a luta” (EVARISTO, 2020, p. 165). Apesar das adversidades enfrentadas, havia vozes que resistiam, sobreviviam aos infortúnios da vida para dar continuidade em suas histórias.

No romance *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, as vozes femininas propagam o esforço de uma comunidade para assegurar o seu espaço e sobreviver diante de tantas dificuldades, como a miséria e a exclusão social. A educação é o caminho para libertar uma comunidade. Segundo Paulo Freire (1991, p. 84), “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação”. Zeca Chapéu Grande, pai de Bibiana e Belonísia, curandeiro muito respeitado pelos moradores da fazenda, não perdeu tempo e fez um pedido ao prefeito da comunidade de Água Negra, que se fazia presente na festa de Santa Bárbara. Solicitou que enviasse um professor para atender as crianças da fazenda. Com receio de recusar o pedido, daquele que salvou um de seus filhos e pela gratidão à Santa Bárbara, enviou uma professora para ministrar as aulas na casa de dona Firmina. Dona Salustiana, mãe das meninas, por ser alfabetizada, reforçava ainda mais as tarefas que a professora trabalhava com seus filhos. Daí logo surgiu o convite do prefeito para que ela assumisse o cargo de professora. De imediato, recusou, pois não se considerava capaz de exercer a função por ter suas limitações.

Reforçou em sua fala a expressão ‘tenho a letra, mas não tenho o número’, e que queria muito que seus filhos de sangue e de pegação [ação que Salustiana fazia ao segurar as crianças quando ajudava as mães no momento do parto] tivessem estudo e pudessem ter uma vida melhor do que a que tinha. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 66).

Zeca Chapéu Grande ainda não estava satisfeito e, em um momento em que outros encantados abrigaram o seu corpo, exigiu que o prefeito cumprisse a promessa de construir uma escola para os filhos dos trabalhadores de Água Negra e que ainda não havia cumprido. Mais uma conquista para a comunidade, pois foram os próprios moradores que construíram o edifício escolar e, com o pouco dinheiro destinado à obra, garantiram o sustento de suas famílias.

Mesmo com tantas lutas para conseguir o pão de cada dia e uma natureza que às vezes castigava, devido às grandes estiagens, as famílias de Água Negra faziam o que podiam e sabiam com o manejo da terra para garantir a sobrevivência. O medo tomou conta da comunidade. Medo da fome, da falta de trabalho e de um lugar para se abrigarem. Mas a expectativa de dias melhores ainda perseverava. Severo, primo de Bibiana e Belonísia, planejava estudar mais e não pretendia ser empregado por muito tempo na fazenda Água Negra, queria um dia trabalhar na sua própria terra, colher o seu próprio sustento. Ele pensava que “poderia aliar seu conhecimento da natureza e da lavoura com sua disposição para o trabalho, além do estudo que poderia lhe dar conhecimentos novos para mudar de vida” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 72). Bibiana ouvia cada palavra de Severo com tanta atenção que começou a entender que a transformação de sua vida dependia dela e das situações que esperava viver.

Eu achava tudo aquilo interessante, mas nunca havia parado para pensar por que estávamos ali, o que poderia modificar nessa história, o que dependia de mim mesma ou o que dependia das circunstâncias. Mas ouvir as coisas que ele falava iluminou meu dia, e quis ouvir mais. Nunca havia conhecido ninguém que me dissesse ser possível uma vida além da fazenda. Achava que ali havia nascido e que ali morreria, como acontecia à maioria das pessoas. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 72-73).

Convicta de que para mudar de vida teria que deixar Água Negra, Bibiana une-se a Severo em busca da própria sorte. “Ele havia iluminado meu horizonte com a possibilidade de uma vida além da fazenda. Era difícil não me deixar seduzir pelos seus planos e entusiasmo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 79). Ver a vida passar diante dos olhos não era mais o que Bibiana e Severo almejavam, planos foram sendo traçados para que, quando retornassem à Água Negra, pudessem oferecer melhores condições de vida a seus pais e irmãos. Muitos jovens sentem a necessidade de abandonar suas raízes em busca de recursos financeiros para reconstruir suas vidas e, dessa forma, ajudar aqueles que ficaram para trás ou não tiveram coragem de largar tudo e recomeçar. Isso acontece em muitas famílias, principalmente as que vivem no campo. A busca pela autonomia da própria existência ainda gera incerteza, receio

em abandonar o que se tem e não conquistar nada, e, ao retornar às origens, sentir-se fracassado. Bibiana, mesmo acreditando que deixar Água Negra era a melhor opção para mudar de vida, ainda assim sentia-se insegura se partir era a melhor solução.

Não queria também viver o resto da vida ali, ter a vida de meus pais. Se algo acontecesse a eles, não teríamos direito à casa, nem mesmo à terra onde plantavam sua roça. Não teríamos direito a nada, sairíamos da fazenda carregando nossos poucos pertences. Se não pudéssemos trabalhar, seríamos convidados a deixar Água Negra, terra onde toda uma geração de filhos de trabalhadores havia nascido. Aquele sistema de exploração já estava claro para mim. Mas eu era muito nova, e aquele não seria o momento, muito menos as circunstâncias adequadas para partir. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 83).

Foi durante uma visita de Sutério, capataz da fazenda, na casa de Zeca Chapéu Grande, que Bibiana viu seu pai sendo humilhado sem poder fazer nada. Ele adentrou na cozinha e pegou parte do pouco suprimento que tinham para alimentar toda a família sem o menor constrangimento. Sutério fez questão de lembrar Zeca Chapéu Grande que tinha de repartir a terça parte do que cultivava no quintal de casa. Logo, Bibiana notou que poderia mudar o rumo dessa história, mesmo em circunstâncias que a fizessem se sentir envergonhada, no caso da criança que esperava de Severo e que escondia da família. Caberia a ela intervir na vida que levavam na fazenda Água Negra.

Pensei nas palavras de Severo sobre a situação de nossas famílias na fazenda. Que a vida toda estaríamos submissos, sujeitos às humilhações, como a pilhagem do nosso alimento. Que eu tinha um papel nisso tudo, e que meus pais precisavam de mim para mudar de vida. Que poderíamos, sim, comprar nossa própria terra e vir buscá-los. Que só assim conseguiríamos ter uma vida digna. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 86).

Bibiana e Severo partiram para reescreverem sua história e que um dia pudessem regressar para Água Negra e mudar a vida de todos que ali ficaram. Belonísia então se viu sozinha, uma parte sua havia partido com Bibiana, era hora de tomar conta de sua própria vida. As irmãs, mesmo muito unidas, tinham vontades diferentes. Bibiana enxergava-se como professora, já ela gostava do trabalho na terra, de se embrenhar nas matas, aprender sobre as raízes e ervas como seu pai Zeca Chapéu Grande. Com o passar dos dias, Belonísia uniu-se a Tobias, empregado da fazenda, para experimentar uma vida fora do teto de seus pais. Teve uma vida mais dura ainda, mas se sentia fortalecida a cada atitude agressiva de Tobias. Viu-se sozinha por várias vezes, porém seu contato com a terra a fazia esquecer-se de todos os momentos ruins que viveu na companhia do marido. Com a morte de Tobias, Belonísia não

pretendia se juntar a nenhuma pessoa. A sua força vinha da terra e não carecia de mais ninguém para continuar sua caminhada.

Foi sozinha que experimentei as aflições que vi meus pais passarem ao longo de suas vidas. Não tinha descendentes para alimentar, mas fiz questão de trabalhar com mais força e vigor que muitos homens que ali viviam. O sofrer vinha das coisas que nem sempre davam certo, me fazia sentir viva e unida, de alguma forma, a todos os trabalhadores que padeciam dos mesmos desfavorecimentos. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 141).

Belonísia pretendia mostrar a todos que não precisava de homem para acompanhá-la, pois conseguiria sobreviver sozinha. Quando estava com Tobias, vivia a maioria do tempo na companhia da solidão, até mesmo na hora em que ele se encontrava em casa, bêbado, ela era quem o protegeria dos perigos que surgissem. Ela demonstra um forte desejo de ser autossuficiente e independente. Esse desejo de independência sugere um senso de empoderamento e determinação. O trecho também aborda questões de gênero e relações. Belonísia está desafiando as expectativas tradicionais de que uma mulher precisa de um homem para sua proteção e sobrevivência.

Alguns anos se passaram, a vida em Água Negra parecia estar entrando nos eixos, o período de estiagem findou, a paisagem se transformou e a eletricidade veio dar um pouco de alegria e entusiasmo para a comunidade. Logo, Bibiana e Severo retornaram com seus quatro filhos para a fazenda. Ela havia se formado para ser professora e ele liderava e participava de reuniões que mobilizavam a comunidade a lutar pelos seus direitos pela terra em que trabalhavam. As famílias de Água Negra ainda acreditavam que um dia teriam sua casa de alvenaria e seu pedacinho de terra. Belonísia com o passar do tempo, reaproximou-se de sua irmã e de seu cunhado Severo, com isso as desavenças foram ficando no passado. Diante dessa reaproximação, ela foi se interessando pela leitura e pelas histórias que ouvia de seu povo. Aquela mulher carrancuda foi sendo deixada de lado e abrindo espaço para uma nova Belonísia.

Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria comprado cadernos como o dinheiro das coisas que vendia na feira, e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. [...] porque de minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas na cidade. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 170).

É importante mencionar o desejo das pessoas da comunidade em resistir às demandas dos donos da fazenda, visando o trabalho em grupo, solidários com as dificuldades do outro. Só assim, unindo forças, que poderiam ter dias melhores. “Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer. Por isso espalhavam o medo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 178-179). Muitos pioneiros da comunidade pensavam em não ir contra os senhores da fazenda, pois manter a paz entre todos era uma forma de agradecer o que já fizeram por eles e seus antepassados. Já os mais jovens pretendiam lutar para conquistar seu pedaço de chão, porque se viam mais donos da terra do que qualquer um que continha seu nome no documento de posse. O irmão de Bibiana e Belonísia se viu encorajado pela forte liderança de Severo em lutar pelo direito de trabalhar na terra sem opressão, e assim, passou a acompanhá-lo nas reuniões pela comunidade.

Vivia com Severo para cima e para baixo, entre um trabalho e outro, para ganhar a atenção dos moradores. “Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. Somos quilombolas.” Era um desejo de liberdade que crescia e ocupava quase tudo o que fazíamos. [...] “Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre o que plantar e colher além de nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias”, completou Severo numa roda de prosa debaixo da jaqueira na beira da estrada. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 187).

A cada encontro com os moradores de Água Negra, Severo impunha sua voz enfrentando os donos da fazenda, pois lutava pelos direitos da comunidade que, pela ingenuidade de muitos, se deixavam crer por atos de “bondade” que recebiam do benfeitor da fazenda. Os moradores estavam se dividindo, uns apoiavam Severo, outros se opunham ao movimento liderado por ele. Porém, não desistia e era firme em suas provocações. “Que havíamos trabalhado para os antigos fazendeiros sem nunca termos recebido nada, sem direito a uma casa decente, que não fosse de barro, e precisasse ser refeita a cada chuva. Que se não nos uníssemos, se não levantássemos nossa voz, em breve estaríamos sem ter onde morar” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 197). O discurso de Severo destaca sua determinação, conscientização e esforços para mobilizar a comunidade contra as injustiças. O trecho captura a voz da resistência e a busca por mudanças sociais por meio das palavras e da ação coletiva.

Severo era irredutível nas suas pretensões em relação a conseguir o direito à terra que tantas famílias doaram suas vidas. Mesmo com todas as ameaças que sofria, buscava mobilizar os moradores a fundarem uma associação para se protegerem. “A essa altura, já haviam percebido que se não fizéssemos barulho para garantir nossa permanência na fazenda,

não teríamos para onde ir” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 198). Bibiana e Severo organizavam reuniões para coletar as assinaturas das pessoas e seguir em busca de registrar a associação dos moradores e pescadores de Água Negra. Infelizmente, muitas têm receio em enfrentar aqueles que possuem o poder nas mãos. Portanto, quem está à frente de um movimento corre o maior risco de sofrer consequências desastrosas. Foi o que ocorreu com Severo, que perdeu sua vida lutando até o fim por sua comunidade.

Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam havia muito tempo naquele lugar, onde seus filhos e netos tinham nascido. Onde enterraram seus umbigos, no largo da terra dos quintais das casas. Onde construíram casas e cercas. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 207).

A voz que encorajava a comunidade havia sido silenciada com Severo. Porém, Bibiana não deixaria que o sangue derramado de seu marido fosse em vão. Mesmo não conseguindo justiça por sua morte, reuniu forças para prosseguir lutando pelo povo de Água Negra. Continuou com as reuniões, pois não poderia deixar aquela tragédia os enfraquecer. Outras vozes foram se unindo com a de Bibiana. Muitos moradores concordavam com o que era dito sobre os direitos que tinham e, outros, preferiam continuar pacíficos e garantir a sobrevivência na fazenda. “Agora falam em direito dos pretos, dos descendentes de escravos que viveram errantes de um lugar para outro. Falam muito sobre isso. Que agora tem lei. Tem formas de garantir a terra. De não viverem à mercê de dono, correndo daqui pra acolá, como no passado” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 212). Sabe-se que o preço para viver o sonho da liberdade pode ser injusta e traiçoeira. Por exemplo, o resultado do inquérito da morte de Severo foi devido a uma disputa por tráfico de drogas na região. Muitos momentos de tensão e opressão ainda viveram os moradores de Água Negra, contudo continuavam a luta pela tão sonhada liberdade. Destaca-se na narrativa o otimismo dos que sonham e, ao mesmo tempo, o pessimismo dos que não creem no êxito da mudança.

As páginas finais do romance são marcadas por algumas melhorias na vida dos moradores da fazenda. Casas melhores foram construídas e períodos de boa colheita para toda a região. A coragem de Bibiana, Belonísia, Severo e outros moradores foi o que impulsionou as conquistas que a comunidade alcançou. Agora era a vez da voz da encantada, no corpo de Belonísia, narrar sobre a chegada do povo que deu vida à Água Negra, como a história de Donana e Zeca Chapéu Grande. “E os sons, os sons dos animais, das folhas ao vento, do rio correndo, os sons ecoavam perenes em seu interior. [...] Então sentiu que desde sempre o som do mundo havia sido a sua voz” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 248). O fragmento ilustra a

profunda ligação emocional e identitária da personagem com a natureza por meio dos sons do ambiente. Essa conexão simbólica realça como a literatura pode explorar os sentidos para transmitir significados profundos e capturar as relações complexas entre os personagens e o mundo ao seu redor.

Enfim, após esse percurso teórico sobre a escrita ficcional e a representação das vozes minoritárias no processo de emancipação das personagens em *Becos da memória* (2020) e *Torto Arado* (2019), apresentar-se-á, no próximo capítulo, temas recorrentes nas narrativas, refletindo sobre a memória ancestral e a resistência na preservação e transformação social de um povo.

CAPÍTULO 2 - MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: UM BRASIL MARCADO PELO VOZEAR DE SEUS ANCESTRAIS

Neste capítulo, o objetivo é problematizar a relação entre memória e resistência, propondo uma análise dos romances *Becos da memória* (2020), de Conceição Evaristo e *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, bem como revisitar as memórias individuais e/ou coletivas das personagens. Os romances trazem apontamentos sob o prisma cultural e identitário. Este prisma concentra-se na forma como os romances abordam as questões de identidade cultural, etnicidade, gênero e pertencimento. A análise cultural explora como as personagens lidam com sua própria identidade e como as narrativas refletem as dinâmicas culturais e as lutas por representação. Esses textos expressam as reminiscências e vivências não somente dos narradores, mas de outros indivíduos que resistem em sobreviver em um ambiente miserável e explorador.

Assim, refletir sobre a memória em suas múltiplas vertentes como individual, coletiva, histórica, étnica, entre outras, permite buscar algumas ressignificações. A memória, segundo Ecléa Bosí (2004), estabelece vínculos entre o passado e o presente que possibilita informações referentes ao passado, porém não o reconstrói do mesmo modo quando aconteceu. Essa ação de recordar provém do presente e, assim, está composta pelos conhecimentos adquiridos no decorrer da vivência.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 2004, p. 55).

É nesse sentido que se pretende pensar a memória dos espaços apresentados nas obras. Por meio das vozes das personagens, percebe-se a relação construída entre elas e o contexto inserido, diante da luta pelo reconhecimento e conquista de suas histórias. Deste modo, a experiência de vida dos nossos ancestrais torna-se uma marca fundamental de resistência, uma vez que os romances em estudo buscam em comum utilizar a literatura como um mecanismo para vozear quem tem sido sistematicamente silenciado pela história oficial. “Um dia, agora ela sabia qual seria sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e

de todos” (EVARISTO, 2020, p. 177). O trecho ilustra a jornada da personagem em descobrir sua voz por intermédio da escrita e sua determinação em compartilhar as vozes e histórias da comunidade. A literatura desempenha um papel fundamental como um meio de empoderamento, representação e amplificação das experiências individuais e/ou coletivas que frequentemente são marginalizadas, ignoradas ou negligenciadas.

Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior têm demonstrado, por intermédio de sua escrita, a representação da vivência e da voz narrativa daqueles que sentem na pele as consequências das mazelas sociais. Em *Becos da memória* (2020) e *Torto arado* (2019), os escritores retratam várias questões sobre desigualdade social, violência, reminiscência, intimismo, voz feminina, resistência e verossimilhança em que as classes marginalizadas vivenciam e insistem em se perpetuar com o passar do tempo. Assim, aproxima a ficção de um cenário social que ainda atinge, de forma muito significativa, o povo brasileiro.

Figura proeminente no cenário literário afro-brasileiro, Conceição Evaristo é altamente influenciada por suas próprias experiências enquanto mulher negra, proveniente de uma família de trabalhadores e moradores de comunidades marginalizadas. Sua escrita é um testemunho poderoso da luta contra o racismo estrutural e a marginalização das comunidades negras no Brasil. Suas histórias retratam frequentemente as vozes silenciadas e as histórias não contadas da diáspora africana no país. Conceição Evaristo também é conhecida por sua participação ativa nos movimentos de valorização da cultura negra. Seu engajamento na luta por igualdade e justiça em sua escrita desafia estereótipos e explora as complexidades das vidas das pessoas negras.

No capítulo de abertura do romance, *Becos da Memória* (2020, p. 11) diz: “nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade”. A citação ressalta a abordagem complexa da autora em relação à ficção e à verdade na obra, explorando as particularidades das experiências humanas e a interseção entre realidade e ficção, destacando como a literatura pode oferecer uma visão profunda e multifacetada das emoções e histórias humanas.

O escritor Itamar Vieira Junior, em *Torto arado*, explora a vida no sertão brasileiro e as experiências das comunidades rurais, particularmente da população negra. Ele aborda questões de identidade, terra e desigualdade em sua escrita. Sua obra é enriquecida por sua própria vivência enquanto um homem negro do Nordeste do Brasil. Utiliza-se de suas experiências pessoais e conexões com o ambiente rural para criar narrativas autênticas que retratam a complexidade das vidas das pessoas negras no Brasil. Assim como Conceição

Evaristo, Itamar Vieira Junior também participa do diálogo sobre raça e cultura no Brasil através de sua literatura. Suas histórias são uma forma de amplificar as vozes marginalizadas e de contribuir para a compreensão das múltiplas identidades do país.

Ambos os autores têm uma relação profunda com suas origens culturais e utilizam suas vivências como base para suas narrativas literárias. Eles contribuem para a construção de uma literatura que não apenas reflete a realidade das comunidades afro-brasileiras, mas também desafia estereótipos, promove a representação e destaca as complexidades das identidades negras no contexto brasileiro. Suas vozes são fundamentais para a ampliação do entendimento das experiências da população afrodescendente e para o enriquecimento do panorama literário do Brasil.

Os romances em estudo, *Becos da memória* (2020) e *Torto arado* (2019), contribuem para alertar os leitores sobre temas como o trabalho escravagista, o silenciamento, a violência, a desigualdade social, racial e de gênero que ainda persistem em pleno século XXI. Os romancistas almejam direcionar em suas tessituras uma visão crítica sobre temáticas relevantes à sociedade e que, por meio da literatura, constroem um universo ficcional, escrito a partir de fatos que compõem a memória de um povo. Sobre essa relação entre literatura e sociedade, Antonio Candido afirma que:

A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2019, p. 84).

A escrita e a voz narrativa influenciada pelo contexto social, vivenciado tanto por Conceição Evaristo quanto por Itamar Vieira Junior, refletem sobre a importância da relação entre literatura e memória. Assim, a literatura que se deseja acentuar não combina improvisos. Antes de dar início à escrita, é indispensável construir um mundo que não careça ser realista, porém precisa ser verossímil. A construção da narrativa literária necessita de pleno domínio do universo ficcional em que ambienta o enredo. O mesmo ocorre com relação ao estilo empregado. Cada universo construído atribui um tom, uma forma de escrita, que se elabora a partir do repertório do escritor. Assim, ao considerar que a tessitura literária poderá valer-se da memória individual e coletiva, enquanto ação reveladora do passado, atrela-se ao pensamento alguns vínculos que unem estes dois elementos. Maurice Halbwachs (2013) salienta em suas discussões sobre a memória que muito dela se constitui também, por meio

das linguagens e vivências, por significados formados socialmente. Isto é importante não tanto porque se apreendem as relações sociais por meio da fala do indivíduo, mas, como a experiência pode ser entendida entre diferentes pontos de vista atuais e passados que, de alguma forma, estão presentes para o indivíduo.

A literatura funciona, nesta perspectiva, como um campo dialógico em que são discutidas e reelaboradas percepções acerca das relações entre subjetividade, tempo e memória. Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 116-117) afirma que “a presença do passado nas obras atuais não se manifesta de modo diacrônico, como nos manuais de história literária, mas de modo sincrônico, que é o modo da memória”. Assim, entende-se que a criação artístico-literária memorialística constitui-se da possibilidade de existência e de resistência ao esquecimento. Este estudo reconhece, por meio da crítica literária, o estudo da memória na literatura, uma vez que a arte literária contextualiza-se no meio informacional como propagadora de conhecimento. Sendo assim,

Por crítica literária compreende um discurso sobre as obras literárias que acentua a experiência da leitura, que descreve, interpreta, avalia o sentido e o efeito que as obras exercem sobre os (bons) leitores, mas sobre leitores não necessariamente cultos nem profissionais. A crítica aprecia, julga; procede por simpatia (ou antipatia), por identificação ou projeção. (COMPAGNON, 2010, p. 21).

A análise crítica entre os romances *Becos da Memória* (2020) e *Torto Arado* (2019) enfatiza que a literatura, entendida como expressão dos conteúdos da ficção ou da imaginação, seja também analisada sob o viés da composição híbrida entre as vivências da realidade, resgatadas pelo processo memorialístico, e a capacidade de criação do autor considerando-o como um ser ideológico, que oferece ao romance uma estilística sociológica. A abordagem híbrida desses elementos contribui para a criação de narrativas ricas e poderosas que exploram tanto o individual quanto o coletivo, além de oferecer *insights* profundos sobre a condição humana e a sociedade.

A literatura se insere nesta mudança de paradigma recusando a pretensão de ser uma representação da realidade, ao qual visa criar um mundo autônomo que não remete, essencialmente, a uma realidade exterior. Ela volta para si mesma suas referências, por ser a obra que vira “realidade” e não a realidade que se transforma em obra.

2.1 As marcas da ancestralidade na construção dos romances *Becos da memória* e *Torto arado*

As marcas da ancestralidade referem-se aos traços culturais, históricos e emocionais deixados pelas gerações anteriores que influenciam e moldam a identidade, os valores e as perspectivas das gerações presentes. Essas marcas podem se manifestar de diversas maneiras, incluindo tradições, histórias, crenças, práticas culturais, valores familiares e até mesmo traumas transmitidos ao longo do tempo. Stuart Hall (2020) afirma que as identidades culturais não são apenas internas, mas são formadas mediante interações com o ambiente externo, como as influências culturais que absorvemos e adotamos. Isso ocorre porque a identidade não é algo fixo, mas sim uma construção fluida e dinâmica, influenciada por fatores pessoais e sociais. As identidades culturais que escolhemos ou são atribuídas a nós são moldadas por uma interação complexa entre nossa própria compreensão de quem somos e como nos vemos, e as representações culturais e sociais que encontramos.

Os romances *Becos da Memória* (2020), de Conceição Evaristo e *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior têm uma forte ligação com a ancestralidade e a construção da identidade por meio da memória e das histórias transmitidas de geração a geração. Essas histórias muitas vezes retratam a luta, a resiliência e as conquistas dos ancestrais, servindo como fonte de inspiração e conexão com as raízes culturais. A exploração da ancestralidade e das histórias dos antepassados é uma maneira de afirmar sua identidade afrodescendente.

A questão da africanidade nas diásporas está relacionada à questão das resistências culturais, que por sua vez desembocaram em identidades culturais de resistência em todos os países do mundo, beneficiados pelo tráfico negreiro. O Brasil é um deles, ou melhor, é o maior dos países beneficiados pelo tráfico transatlântico e aquele que oferece diversas experiências de africanidade em todas as suas regiões, do norte ao sul, do leste ao oeste (MUNANGA, 2009, p. 37).

As marcas da ancestralidade desempenham um papel fundamental na construção estilística no romance *Becos da Memória* (2020) de Conceição Evaristo. A obra mergulha nas memórias e histórias das personagens pela voz de Maria-Nova, que revisita a herança cultural, espiritual e histórica que influencia suas vidas. “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para a sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito” (EVARISTO, 2020, p. 37). O romance explora a interconexão entre as pessoas com sua história, com a terra e com a espiritualidade, moldando suas identidades individuais e coletivas.

Em *Becos da memória* (2020), Maria-Velha e Tio Totó desempenham um papel significativo ao compartilharem histórias e memórias dos ancestrais com as personagens,

especialmente com Maria-Nova. Eles são figuras importantes na transmissão das narrativas familiares e culturais, e suas histórias são fundamentais na representatividade identitária e da compreensão das personagens.

Maria-Velha e Tio Totó ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção. Maria-Nova, ali quietinha, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas à Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração. (EVARISTO, 2020, p. 30).

Maria-Nova é uma ouvinte atenta e receptiva às histórias de Maria-Velha e Tio Totó. Isso ajuda a construir uma ponte entre as experiências passadas e presentes, promovendo a compreensão das marcas ancestrais. Ela valoriza a oportunidade de ouvir e guardar essas narrativas, destacando a importância de preservar a memória e a herança cultural, mesmo que ela inclua aspectos dolorosos. No romance evaristiano *Becos da Memória* (2020), as memórias de traumas históricos, como a escravidão e a violência, afetam as comunidades afrodescendentes de maneira duradoura e deixam cicatrizes emocionais nas vidas das personagens. A relação entre trauma e literatura é um tema complexo e profundo, muitas vezes explorado para abordar as experiências humanas marcadas por episódios traumáticos. O ensaísta Márcio Seligmann-Silva reforça essa percepção:

A experiência traumática é, para Freud, aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre. Os exemplos de eventos traumáticos são batalhas e acidentes: o testemunho seria a narração não tanto desses fatos violentos, mas da resistência à compreensão dos mesmos. A linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma forma no ato da sua recepção. Daí Freud destacar a repetição constante, alucinatória, por parte do “traumatizado” da cena violenta: a história do trauma é a história de um choque violento, mas também de um desencontro com o real (em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida) (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 48-49).

A memória consegue desenterrar feridas antigas, fazendo reviver sentimentos de dor, injustiça e sofrimento que muitas vezes são enterrados em um esforço de sobrevivência. Por exemplo, a história de Negro Alírio que desde muito cedo carrega as injustiças sofridas por ele e sua comunidade. Em um diálogo com a personagem Dora, ele omite parte de sua história por abrir feridas que não foram cicatrizadas.

Começou sua história a partir do momento em que já era adulto. Não sabia bem [o] por quê, mas sua vida de criança, o seu tempo de crescer, o de aprender a ler, os fatos acontecidos então, seus pais, sua casa, a roça, o campo, os amigos, os companheiros, tudo importante, Negro Alírio calou. Não sabia [o] por quê, mas se calou. (EVARISTO, 2020, p. 94).

Ao revisitar esses eventos dolorosos, as personagens e os leitores são confrontados com a realidade cruel das experiências traumáticas e isso pode ser impactante. Essa dualidade da memória, que tanto oferece conhecimento quanto revela a dor do passado, é uma reflexão da complexidade da abordagem do trauma na literatura. Conceição Evaristo ressalta a importância de vozeir as experiências traumáticas, reconhecendo a necessidade de lembrar e compreender o passado, mesmo que seja doloroso, como uma forma de honrar a história e trabalhar em direção à cura e à resiliência.

Vó Rita emerge como uma figura central e simbólica na narrativa de *Becos da Memória* (2020), conectando as diversas histórias e gerações no contexto da favela. Sua presença na abertura e no fechamento do romance enfatiza a sua importância como testemunha e guardiã da memória coletiva da comunidade. “A arte da memória, assim como a literatura de testemunho, é uma arte da leitura de cicatrizes” (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 56). Como uma figura mais antiga, Vó Rita representa uma ligação direta com as gerações que experimentaram o período pós-abolição. Ela é uma testemunha viva das lutas e mudanças que ocorreram, o que lhe confere uma autoridade e sabedoria especiais.

Vó Rita entrou devagarinho no quarto. De repente. Calada. Ela que não tinha a voz calada nunca, pois, se não estava falando, cantando estava; que nunca chegava de repente, pois se sabia de longe que Vó Rita estava chegando. E eis que ela chegou pé ante pé. Grandona, gorda, desajeitada. Abriu a blusa e através do negro lúcido e transparente de sua pele, via-se lá dentro um coração enorme. E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens. Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos... Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira. (EVARISTO, 2020, p. 183-184).

A menção de que todos os homens nascem do coração de Vó Rita, independentemente de sua cor, sugere uma mensagem de igualdade e unidade. A ideia de que a humanidade inteira emerge desse coração simboliza a conexão fundamental entre todas as pessoas, independentemente de suas diferenças externas. A figura de Vó Rita como uma geradora de vidas e símbolo da humanidade ressalta seu papel como uma figura ancestral que transcende a individualidade e representa a conexão entre passado, presente e futuro. Ela mantém viva as histórias e os rituais transmitidos ao longo das gerações, sendo essencial na preservação da identidade cultural da comunidade. Sua presença e sabedoria transcendem o tempo, unindo diferentes épocas e contextos.

A identidade cultural também é uma fonte de resistência e empoderamento para as personagens que buscam muitas vezes força em suas raízes culturais para enfrentar adversidades e lutar contra a discriminação e a opressão. “- Pai, vamos daqui, não é preciso

nem falar pro sinhô da fazenda. Nessas andanças descobri coisas... Há muito que branco não é mais dono de negro. [...] Tenho algum dinheiro, labutei fora, trabalhei madeira e vendi” (EVARISTO, 2020, p. 34). Conceição Evaristo retrata personagens que não apenas sobrevivem, mas também prosperam ao ancorar-se em sua identidade cultural. Temas como a resistência, a busca por autonomia e a reafirmação da dignidade e identidade negras são recorrentes nas obras evaristianas. Esses temas não apenas permeiam as histórias individuais de suas personagens, mas também refletem as experiências coletivas e a história das comunidades negras no Brasil. Eles oferecem uma lente através da qual a escritora explora a capacidade de superação das adversidades, ao mesmo tempo, em que questiona as estruturas de poder que perpetuam a discriminação.

A obra *Becos da memória* (2020) segue personagens de diferentes gerações, permitindo que as histórias individuais se entrelacem e revelem a influência do passado nas vidas presentes. Essa conexão intergeracional cria um sentido de continuidade ao longo do tempo. “Ela [memória] segue rastros soterrados e esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade” (ASSMANN, 2021, p. 53). As histórias compartilhadas pelas personagens mais velhas, como Vó Rita, Tio Totó, Tio Tatão, contribuem para a transmissão da história coletiva e a preservação da herança cultural.

Maria-Nova [...] lembrou-se de Tio Tatão. Ele contava histórias de guerras. Um dia ele contou um pouco da guerra de que havia participado. E não se sentia herói por isso. Na época era preciso recrutar mais e mais soldados e só por isso ele foi aceito para o serviço militar. Quando se alistou, não era alfabetizado ainda. [...] mas todos eram bem-vindos naquele momento: negros, índios, cafuzos, sararás... Não se excluía ninguém. [...] Tio Tatão ainda narrava a história de uma outra guerra. Aquela em que muitos escravos participaram da peleja. Foram com a promessa de que, quando voltassem, ganhariam a liberdade. Guerrear foram, havia promessa de alforria. Muitos negros morreram na época e os que voltaram puderam perceber que a conquista da liberdade pedia não somente a guerra de que eles haviam participado, mas uma luta muito particular, a deles contra a escravidão. (EVARISTO, 2020, p. 55-56).

A obra reconhece que os traumas da história, como a escravidão, deixam um legado profundo nas comunidades afrodescendentes. Essas experiências não são esquecidas ou superadas com o tempo; em vez disso, elas continuam a ter um impacto nas gerações subsequentes. Isso é uma realidade enfrentada por muitas comunidades que carregam cicatrizes históricas. Ao explorar como o passado ressoa no presente, a obra destaca a continuidade das lutas e triunfos dos grupos afrodescendentes. Ela sublinha a importância de reconhecer e entender essa conexão para compreender completamente as circunstâncias atuais e as histórias individuais.

Em *Becos da Memória* (2020), a construção da ancestralidade não apenas enriquece as personagens individualmente, mas também oferece uma visão mais ampla das comunidades afro-brasileiras e de sua contribuição para a história e cultura do país. Assim, as personagens se reconectam com suas raízes culturais, históricas e familiares. Isso vai além das informações genealógicas e adentra as histórias de seus antepassados, trazendo uma sensação de pertencimento e uma compreensão mais profunda de sua identidade.

No romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, as marcas da ancestralidade desempenham um papel profundo e significativo. Por intermédio da história das personagens Bibiana e Belonísia, o autor explora como as tradições, memórias e conexões com os antepassados moldam suas identidades e influenciam suas vidas no sertão brasileiro. A terra na família de Bibiana e Belonísia é passada de geração em geração, e essa transmissão carrega não apenas significado econômico, mas também histórico e cultural. A ligação com a terra é uma expressão tangível da herança ancestral, representando os esforços, conquistas e lutas dos antepassados. A narrativa apresenta a tradição de contar histórias, transmitindo os relatos dos antepassados para as gerações mais jovens. Essas histórias são veículos para a preservação das memórias e sabedoria dos que vieram antes, permitindo que a ancestralidade viva nas narrativas compartilhadas.

Donana, avó de Bibiana e Belonísia, figura central no romance, personifica a ancestralidade e suas marcas profundas na vida das personagens e na comunidade em que vivem. Ela é uma mulher idosa e sábia que desempenha o papel de rezadeira e parteira. Sua presença e suas ações estão intrinsecamente ligadas à ancestralidade devido ao conhecimento, tradições e histórias que ela carrega consigo. “Naquele tempo, costumávamos ver nossa avó falar sozinha, pedir coisas estranhas como que alguém – que não víamos – se afastasse de Carmelita, a tia que não havíamos conhecido” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 14).

A espiritualidade é uma parte integral do livro, os rituais e práticas espirituais refletem a conexão com os antepassados e a crença em sua presença contínua. Esses rituais servem como uma ponte entre o mundo dos vivos e o dos mortos, ressaltando a importância da ancestralidade. Muitos rituais estão interligados com a terra, o plantio e a colheita, destacando a visão holística da espiritualidade e da vida das comunidades rurais. Bibiana via e sentia a força espiritual presente em sua casa: “Cresci em meio às crenças de meu pai, de minha avó, e mais recentemente de minha mãe. Os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era parte da paisagem do mundo em que crescíamos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 59). A comunicação com os antepassados é um elemento recorrente nos rituais. Mediante oferendas e práticas específicas, as personagens

buscam se conectar com aqueles que vieram antes, buscando orientação, proteção e força. “Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam. Desde cedo, havíamos precisado conviver com essa face mágica de nosso pai” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 33). Os rituais religiosos são uma expressão cultural profunda que molda a identidade das personagens e como elas se veem dentro de sua comunidade. Por meio desses rituais, as personagens reafirmam sua herança e sua conexão com suas raízes.

Os curadores serviam para restituir a saúde do corpo e do espírito dos doentes, era o que sabíamos desde o nascimento. O que mais chegava à nossa porta eram as moléstias do espírito dividido, gente esquecida de suas histórias, memórias, apartada do próprio eu, sem se distinguir de uma fera perdida na mata. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 39).

A história das personagens é intensamente enraizada na cultura afro-brasileira e nas tradições das comunidades rurais. Isso inclui práticas culturais, crenças espirituais e conhecimento transmitido de geração em geração que desempenham um papel importante na formação da identidade das personagens. O romance também explora o ciclo da vida e a interconexão entre as gerações. A maneira como os eventos se repetem ou ecoam nas vidas das personagens reflete a ideia de que o passado e o presente estão interligados, e que as ações dos antepassados têm ecos nas vidas futuras.

[...] Donana cuidava dos partos em Água Negra e propriedades vizinhas, minha mãe foi sua ajudante. Observava os movimentos do corpo, rezas e interditos; o que poderia e não poderia ser comido, bebido, feito. [...] quando minha avó já não podia ajudar mais, Salu passou a acompanhar meu pai, que, como curador, prestava a assistência de que as mulheres necessitavam. [...] Era um encantado, o Velho Nagô, antigo conhecido do povo de Água Negra. Era o senhor do corpo e do espírito de meu pai, [Zeca Chapéu Grande] das bênçãos e curas que chegavam aos necessitados e à terra. Foi também o Velho, segundo meu pai, que designou Salustiana Nicolau como parteira. Eram as forças do seu encanto que guiavam as mãos e os saberes de comadre Salu na condução do parto. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 56-57).

As histórias sobre as origens e os feitos dos antepassados podem ser um fator unificador, criando um senso de pertencimento e conexão entre os membros de uma comunidade. Em muitas culturas, mostrar respeito e reverência aos ancestrais é uma parte fundamental da vida cotidiana, inclusive pode ser feito por meio de rituais, oferendas e práticas religiosas que honram a memória e a influência dos antepassados. A prática de apelar aos seres míticos em tempos difíceis, como quando a terra é infértil, reflete uma estratégia de sobrevivência que busca soluções além das ações humanas.

Foi naquele período, nas festas de jarê que continuavam a acontecer, mais modestas, mas na esperança de se mobilizar o panteão de encantados para que trouxessem a chuva e a fertilidade à terra, que apareceu uma misteriosa encantada, de quem nunca havíamos ouvido falar. [...] quando ela se anunciou como Santa Rita Pescadeira, os tambores silenciavam e uma comoção tomou conta dos presentes. Era possível distinguir os questionamentos no meio da audiência, se a encantada de fato existia ou não, e por que até então não havia se manifestado, já que aquele jarê era tão antigo quanto a fazenda e os desbravadores daquela terra. Naquele momento, com a roupa rota que vestia, mas com um véu antigo e esgarçado lhe cobrindo a cabeça, ouvimos sua voz fraca, quase inaudível, entoar uma cantiga, “Santa Rita Pescadeira, cadê meu anzol? Cadê meu anzol? Que fui pescar no mar”. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 80).

Essas práticas muitas vezes são realizadas em um contexto ritualístico e podem envolver a participação da comunidade, expressando o desejo por mudança e por uma vida melhor. A identidade da encantada Santa Rita Pescadeira é composta por vários traços característicos, identifica-a e destaca sua conexão com a atividade de pesca. Esse nome composto enfatiza sua natureza dual, combinando a reverência (Santa Rita) com sua identidade ligada à pesca (Pescadeira). O símbolo do anzol representa sua ligação com a água, elemento vital tanto para a atividade de pesca quanto para muitas crenças espirituais. Esse símbolo agrega camadas de significado à sua identidade. A associação com a água reforça a natureza transcendente da encantada, integrada à espiritualidade, renovação e fluidez, e é um símbolo prestigioso em muitas culturas. A aparição dela no Jarê não apenas promove a experiência espiritual dos participantes, mas também principia a revelação de informações cruciais sobre sua própria identidade e sua relação com a comunidade. Em vista disso, o fragmento ilustra a complexidade das interações entre o sagrado, a cultura e a experiência humana no contexto do romance.

2.2 O Realismo representativo em *Becos da memória* e *Torto arado*: repressão e resistência

A teoria do Realismo Contemporâneo, quando explorada por autores negros, é muitas vezes enriquecida por perspectivas singulares e vozes que conjecturam as experiências e lutas das comunidades negras em todo o mundo. O Realismo pode variar desde uma representação precisa e objetiva até uma interpretação mais subjetiva dos eventos. A “representatividade” na literatura refere-se à inserção e à autenticidade na apresentação de diferentes grupos étnicos, sociais, culturais, de gênero, entre outros. Esta literatura representativa visa vozeir as diversidades em relação a estes grupos, evita estereótipos e também proporciona uma visão

completa da experiência humana. Os autores, Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira (2019), afirmam que:

A literatura pode agir de duas formas básicas. Pode pretender atuar como um espelho plano, alimentando a ilusão de que é capaz de mostrar a realidade como ela é. Esse é o caso do Realismo, movimento literário difundido na segunda metade do século XIX, mas cujos princípios “realistas” podem ser encontrados em épocas diversas. A segunda possibilidade, oposta à primeira, é a literatura assumir-se como espelho deformante, com a intenção de descolar a imagem que a sociedade tem de si mesma. O objetivo desse tipo de literatura é o de abrir novos ângulos de visão, de revelar novas dimensões do real. Uma literatura que se deseja profundamente crítica, portanto. (SANTOS; OLIVEIRA, 2019, p. 72-73).

Quando é aplicado o Realismo como forma de representatividade nos romances *Becos da Memória* (2020), de Conceição Evaristo e *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, essa abordagem ganha destaque ao explorar temas de repressão e resistência nas comunidades afro-brasileiras. Os romances mergulham profundamente nas experiências das personagens e nas comunidades que elas representam, oferecendo um olhar realista e muitas vezes doloroso sobre as adversidades enfrentadas. No entanto, essas obras também destacam as diferentes formas de resistência que emergem diante da repressão e das injustiças ao tratar personagens, situações e ambientes de maneira semelhante à realidade, muitas vezes abordando questões sociais, psicológicas e culturais.

No caso de *Becos da Memória*, Conceição Evaristo apresenta uma série de narrativas entrelaçadas que buscam reacender a vida de mulheres negras em diferentes épocas e contextos. Diante dessas histórias, a autora aborda temas sobre racismo, sexismo, marginalização e pobreza. Contudo, ela também revela a resiliência e a força das personagens, que encontram maneiras de resistir, de preservar suas identidades culturais e de lutar por suas vidas. Em *Torto Arado*, Itamar Vieira Junior explora a vida de duas irmãs em uma comunidade rural no Brasil. Por meio das personagens de Bibiana e Belonísia, o autor aborda questões de desigualdade social, opressão e exploração do trabalho rural. A história também destaca como essas personagens, apesar das dificuldades, buscam resistir aos desafios que enfrentam, demonstrando sua força e capacidade de sobreviver em um ambiente hostil.

Em ambos os romances, há um retrato autêntico e detalhado das realidades das comunidades marginalizadas. As narrativas não romantizam as lutas ou minimizam as dificuldades, mas também não negligenciam a complexidade e a profundidade das histórias de vida individuais. Por intermédio do realismo representativo, essas obras convidam os leitores a testemunharem as experiências de repressão, de tal modo que se inspirem nas narrativas de resistência e superação que se desenvolvem.

Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Conseqüentemente, é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele. E ele diz o que quer, caracteriza o excluído de acordo com seus interesses e seus valores. No momento em que o excluído assume a própria fala e se põe como sujeito, a reação de quem ouve só pode se dar nos níveis acima caracterizados. (GONZALEZ, 2020, p. 43-44).

Assim, *Becos da Memória* (2020) e *Torto Arado* (2019) ilustram de maneira poderosa como o realismo representativo pode ser empregado para explorar as tensões entre repressão e resistência nas vidas das personagens, ao mesmo tempo, em que oferece um espaço para reconhecer a humanidade e a resiliência dessas vozes frequentemente negligenciadas. O Realismo, de acordo com Tânia Pellegrini (2018), é um termo escorregadio e impreciso por sua dificuldade de definir, tanto no campo artístico quanto no campo literário. Conforme a pesquisadora, a definição de Realismo pede um enfoque histórico:

Assim, estudado como estilo artístico iniciado em meados do século XIX, na França, juntamente com as profundas transformações histórico-sociais ligadas ao desenvolvimento do capitalismo, sua denominação tem sido largamente usada para definir qualquer tipo de representação artística que se disponha a “reproduzir” aspectos do mundo referencial, com matizes e gradações, indo da suave e inofensiva delicadeza até a crueldade mais atroz. (PELLEGRINI, 2018, p.16).

O Realismo a que Tânia Pellegrini faz referência difere-se do Realismo enquanto movimento artístico e literário, que surgiu como oposição ao Romantismo. “A partir do século XVIII, na Inglaterra, e no século XIX, na França, mais que uma técnica específica, inclusive bastante relacionada à pintura, o Realismo foi compreendido como um modo de apresentar com fidelidade e detalhe o cotidiano burguês” (PELLEGRINI, 2018, p.16). A pesquisadora destaca em seus estudos um tipo de realismo estético que age como uma refração da realidade e não uma “cópia”, uma “imitação” ou mesmo “interpretação” do “real”.

Em se tratando de literatura, sob o contexto do contemporâneo, Tânia Pellegrini (2018) fala em refração da realidade, já que o real é amplo demais para ser representado. Ela compreende que o desejo de representar o “real”, tanto na arte como na literatura, é apenas o desejo humano de concretude das coisas. A representação da realidade, ou, “a intenção realista”, é uma tradição da literatura ocidental. Nas palavras de Tânia Pellegrini: “considero que toda ficção acaba estabelecendo uma espécie de teorização do real, na medida em que é o resultado de um olhar ao mesmo tempo criativo e interpretativo sobre as coisas” (2018, p. 241). Ela ressalta que a ficção é mais do que uma mera invenção de histórias; é um processo de criação e interpretação que busca examinar, questionar e oferecer novas perspectivas sobre

a realidade que nos cerca. Mediante essa exploração criativa e interpretativa, a ficção se torna uma ferramenta poderosa para a reflexão, a compreensão e a comunicação de questões humanas profundas.

Em suas análises, a pesquisadora percebeu que esse realismo estético se expandiu e modificou, “sendo que, hoje, devido às suas múltiplas modificações e adaptações, uma maneira produtiva de entender o conceito parece ser tomá-lo como uma forma particular de captar a relação entre os indivíduos e a sociedade” (PELLEGRINI, 2018, p.15). Com efeito, o “realismo refratado” é reorganizado de modo heteróclito e traduz a sociedade brasileira contemporânea como uma denúncia à desigualdade social, violência, corrupção política, urbanização, dentre outros aspectos. “Esse novo realismo, então, parece apresentar-se como uma convenção literária de muitas faces, daí a proposta de entendê-lo como refração, metaforicamente ‘decomposição de formas e cores’” (PELLEGRINI, 2012, p. 13). Tânia Pelegrinni sugere na metáfora da “decomposição de formas e cores” que o novo realismo pode desmontar as abordagens literárias convencionais para revelar nuances, complexidades e múltiplas camadas da realidade. Isso pode envolver uma exploração mais profunda das personagens, contextos e temas, desafiando as categorizações simplistas.

Em outra perspectiva, quase que complementar ao realismo observado pela pesquisadora Tânia Pellegrini, o teórico e crítico de literatura Karl Erik Schøllhammer expõe sobre o efeito de presença na literatura, em seu livro *Ficção brasileira contemporânea* (2009). No cenário contemporâneo, autor e obra tentam se alinhar ao desafio de seu tempo vigente. Assim, o processo criativo urge na literatura contemporânea, bem como a ansiedade que muitos autores enfrentam ao tentar articular e intervir em uma realidade presente conturbada (SCHØLLHAMMER, 2009). A literatura contemporânea muitas vezes visa articular e intervir nas questões que cercam a sociedade. Os autores podem usar suas obras como um meio de refletir sobre as realidades presentes, levantar questões críticas e oferecer *insights* sobre as dinâmicas sociais, políticas e culturais que influenciam a vida das pessoas.

Lança-se então um desafio aos escritores contemporâneos ou pós-modernos, conforme a nomenclatura dada por alguns pensadores, que demanda certa urgência em se relacionarem com a realidade histórica e capturar o presente. Muito embora essa corrida contra o tempo não seja possível. Para expressar tal urgência, Karl Erik Schøllhammer cita a prosa poética contemporânea *Rasif - Mar que arrebeta*, de Marcelino Freire: “De fato, escrevo curto e, sobretudo, grosso. Escrevo com urgência. Escrevo para me vingar. E esta vingança tem pressa. Não tenho tempo para nhenhênhs. Quero logo dizer que o que quero e ir embora” (FREIRE, 2008 apud SCHØLLHAMMER, 2009, p. 10). A frase “Escrevo para me vingar”

pode ser entendida como uma maneira de Paulo Freire afirmar seu compromisso em desafiar sistemas de opressão e injustiça por meio de sua escrita. Ele está se “vingando” contra as estruturas que marginalizam e oprimem, utilizando a escrita como uma ferramenta para empoderar e promover a conscientização.

A literatura contemporânea muitas vezes se destaca pela maneira como lida com o tempo e a presença, permitindo que os leitores explorem tanto o passado quanto o presente de maneira profundamente significativa. O efeito de presença na literatura contemporânea refere-se à capacidade dos escritores de criar narrativas e personagens tão vívidos que os leitores têm a sensação de estar presentes na história, como se estivessem experimentando os eventos em primeira mão. Isso é muitas vezes alcançado por meio do uso de detalhes sensoriais, emoções profundas e uma linguagem evocativa. E por falar em contemporâneo, são muitas as tentativas de compreendê-lo, que graças ao seu anacronismo, “é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo”, conforme explica Karl Erik Schøllhammer (2009, p. 9). A referida citação se apoia nas considerações que Roland Barthes fez de Nietzsche que aproximou o contemporâneo ao “intempestivo”, logo, na releitura de Karl Erik Schøllhammer: “significa que o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente” (2009, p. 9). Adaptando para o contexto da literatura, o estudioso explica que:

A literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de ser comprometido com um presente com o qual não é possível coincidir. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 10).

Diante disso, percebe-se desejo da literatura de se aproximar do real, ao passo em que tenta compreender seu próprio tempo. Dessa forma, Karl Erik Schøllhammer (2009) destaca a urgência dos autores de serem anacrônicos em relação ao presente, visto que eles perceberam um caminho na literatura para se relacionarem com essa temporalidade de difícil captura. Para ele,

Uma das sugestões dessa exposição é a de que exista uma demanda de realismo na literatura hoje que deve ser entendida a partir de uma consciência dessa dificuldade. Essa demanda não expressa apenas no retorno às formas de realismo já conhecidas, mas é perceptível na maneira de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 10).

No contexto do contemporâneo, Karl Erik Schøllhammer (2009) salienta sobre um movimento de preocupação pela criação do efeito de presença, tanto no sentido temporal, como tornar-se a “ficção do momento”, quanto no sentido performático, além de seu impacto social e cultural. O crítico ainda menciona a necessidade de reinventar o realismo na literatura que lida com os problemas do país, como o crime, a violência, a corrupção e a miséria. “Aqui, os efeitos de ‘presença’ se aliam a um sentido específico de experiência, uma eficiência estética buscada numa linguagem e num estilo mais enfáticos não representativos de apropriação dessa realidade” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 14). Essa abordagem não se limita à representação simples da realidade, mas visa transmitir emoções e sensações de maneira autêntica e envolvente, proporcionando aos leitores uma conexão profunda com as histórias e personagens.

Com isso, até o jeito do fazer literário se transformou, como o hibridismo do texto literário com o não literário, como os testemunhos, texto-reportagem, entre outros que agregam mais realismo à narrativa. Mas ele também destaca “o uso de formas breves, a adaptação de uma linguagem curta e fragmentária e o namoro com a crônica são apenas algumas expressões da urgência de falar sobre e com o ‘real’” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 15). A linguagem curta e fragmentária, bem como a utilização de formas breves, permite que os autores comuniquem suas mensagens de maneira eficiente e impactante. Essas técnicas literárias são uma resposta à natureza acelerada e fragmentada da sociedade moderna, provocando a conexão entre a narrativa e o leitor.

A demanda pelo efeito de presença é eminente para essa reinvenção do realismo, que visa um impacto numa determinada realidade social, ou na busca de se fazer a relação de responsabilidade e solidariedade com os problemas socioculturais de seu tempo (SCHØLLHAMMER, 2009). Nesse sentido, Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior registram seu “efeito de presença” na história da literatura contemporânea brasileira com representatividade; que abordam problemas sociais (ou os denunciam) e, ao mesmo tempo, privilegiam uma escrita pessoal e íntima. Pois, conforme Karl Erik Schøllhammer, “o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social histórico” (2009, p. 15). Essa abordagem permite que os escritores abordem questões individuais e coletivas, fornecendo uma visão mais abrangente das vidas das personagens e das forças que as moldam.

2.3 Memórias individuais e/ou coletivas dos locais: o desfavelamento em *Becos da memória* e a comunidade rural de Água Negra em *Torto arado*

Segundo Michael Pollak (1992), a memória não é apenas uma recordação individual, mas também um processo social e cultural que reflete as vivências compartilhadas por uma comunidade ou grupo de pessoas em relação a um lugar específico. A conexão entre as memórias pessoais e/ou coletivas implica em uma participação efetiva do indivíduo nos eventos, e assim contribui para a sua formação identitária. Em vista disso, Ecléa Bosi reforça que a complexidade do ato de “[...] lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las as imagens de agora” (BOSI, 2004, p. 81). Nos romances *Becos da memória* (2020), de Conceição Evaristo e *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior a memória é um artifício que transcende o indivíduo, conectando-se às dimensões coletivas do conhecimento, sendo fundamental para entender o que seja identidade, resistir à opressão e resguardar as tradições culturais.

Em *Becos da memória* (2020), a transformação do espaço é um elemento relevante que molda a experiência das personagens e, por conseguinte, suas memórias. A narrativa revela como as pessoas encaram as adversidades impostas pelo ambiente hostil e desafiador, e mesmo assim, ainda preservam suas histórias. Cada pessoa pode ter memórias únicas associadas a um local específico que pode ser considerado patrimônio cultural, representando a identidade de um grupo de pessoas. É o caso da torneira pública em frente à casa de Vó Rita, nomeada de “torneira de cima”, pois do outro lado da favela havia a “torneira de baixo”. Na favela ainda tinha o “torneirão” e outras torneiras em vários pontos. Essas recordações podem envolver acontecimentos marcantes, encontros significativos ou simplesmente ocasiões particulares que aconteceram nesse lugar.

Quando eu estava para a brincadeira, preferia a “torneira de baixo”. Era mais perto de casa. Lá estavam sempre a criançada amiga, os pés de amora, o botequim da Cema, em que eu ganhava sempre restos de doces. Quando eu estava para sofrer, para o mistério, buscava a “torneira de cima”. (EVARISTO, 2020, p. 16).

À medida que os espaços passam por transformações físicas ou sociais ao longo do tempo, as memórias associadas a eles também podem evoluir. Os becos da favela representam mais do que apenas um mero espaço físico; eles são essenciais para a construção identitária das personagens. Logo, influenciam o modo como elas se veem, como são compreendidas

pela comunidade e como enfrentam as mudanças que ocorrem em seus espaços, tornando-se indispensável para a consolidação e autenticidade da narrativa. “Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía” (EVARISTO, 2020, p. 32). Sentir-se pertencente a um grupo implica em preservar sua cultura, sendo crucial na formação de uma identidade coletiva, e assim, solidificar esses laços de pertencimento.

Havia muito [tempo] que Bondade não contava história nenhuma para Maria-Nova. Tio Totó contava sempre alguma, Maria-Velha também. A tia contava as dela e as da irmã Joana; contudo, à medida que Maria-Nova crescia, ela ia intuindo, ia lendo as histórias nos olhos, na expressão linda e triste da mãe. A menina andava ansiosa para que Bondade lhe contasse alguma. Fatos estavam acontecendo, muitas coisas ela percebia, mas só conseguia um melhor entendimento, por meio das narrações que ouvia. Ela precisava ouvir o outro para entender. (EVARISTO, 2020, p. 53).

A importância de conhecer a história negra permite aos indivíduos uma percepção mais ampla de suas raízes, tradição e resistência, não se limitando à experiência individual, mas também se conectando aos ensinamentos de coletividade. Maria-Nova ouvia as histórias que, mesmo não sendo suas, se identificava com elas. Compreender como um indivíduo ou um grupo enfrentou desafios no passado pode inspirar ideias, respostas e atitudes que representem a continuidade da tradição que liga um povo ao seu legado cultural. A voz da narradora e o conhecimento de Vó Rita se entrecruzam ao reafirmar a resistência e o pertencimento da comunidade diante dos avanços dos maquinários para o desmantelamento da favela:

Todos os seus bens estavam guardados, retidos no peito. E foram tantos, tantos que saíram de suas mãos. Ela testemunhara o nascer de tanta vida. Era duro viver, mas valia a pena. Viu tanta mulher parir em dores. Assistiu a tanta dor, mas testemunhou tantas alegrias e esperanças também. [...] Não era preciso o desespero. A vida haveria de continuar em outro lugar, em outras pessoas. O seu corpo poderia até cair agora, mas outros e outros levantariam. Havia uma razão atrás de tudo. Ela não sabia bem qual seria, mas atrás de tudo alguma razão existia. Era preciso ir adiante. (EVARISTO, 2020, p. 154).

Kabengele Munanga, antropólogo e professor brasileiro, é uma voz ativa na ascensão do reconhecimento à diversidade étnico-racial no Brasil, que contribui expressivamente para a abrangência das dinâmicas tanto raciais quanto culturais, sobretudo no contexto brasileiro. Para ele, a conservação da memória é necessária para fortalecer a autoestima e a consciência cultural dos afrodescendentes. Kabengele Munanga salienta que “o essencial para cada povo é

reencontrar o fio condutor que liga a seu passado ancestral o mais longínquo possível” (MUNANGA, 2012, p. 12). Nesse sentido, o apreço pelo passado ancestral impulsiona a busca por um equilíbrio entre renovação e preservação das raízes culturais.

Havia uma história que Maria-Velha repetia sempre, um fato passado em sua infância e que ela recontava para a menina Maria-Nova: Um dia, ela, Maria-Velha, ainda nos tempos de sua meninice, pulava que nem cabrita na frente do avô. Ele olhava, limpava os olhos e fungava sempre. Um dia, Maria descobriu que ele chorava. [...] Aquela menina, pernas longas, aqueles pulos acabritados, era a imagem fiel de uma filha sua. Filha que ele perdera de vista e que nunca mais vira. (EVARISTO, 2020, p. 30-31).

Em se tratando de preservar raízes e amenizar a vida árdua que as pessoas vivenciavam diariamente na favela, os festivais da bola eram os raros momentos que propiciavam a eles um pouco de alegria, prazer e solidariedade. “Os festivais de bola na favela tinham gosto de grandes alegrias. Aconteciam em época certa, era uma vez por ano. Duravam meses, durante os sábados e domingos. [...] Juntos estavam os operários, os vagabundos, os marginais em hora de gozo e lazer” (EVARISTO, 2020, p. 23). Outro momento que aliviava a tensão do dia a dia era quando aconteciam as festas juninas. Mesmo em condições precárias, a favela se juntava para festejar. Ninguém ficava de fora, até quem não conseguia participar financeiramente, não era deixado de lado. A festa junina organizada por Cabo Armindo se tornou a principal da favela. Ele bancava toda a festança. “Diziam alguns que ele apenas organizava [...], mas quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro nobre bem ao lado da favela. Bancavam para que os favelados não os importunassem” (EVARISTO, 2020, p. 46-47). Era uma forma de se ter a política da boa vizinhança e cada grupo, seja entre os favelados e os ricos, viveriam aparentemente tranquilos.

A comunidade da favela tinha esperança de que suas vidas ainda pudessem ser transformadas positivamente. Contudo, o que mais se via eram as transformações negativas como retiradas forçadas, violência policial e desgaste das condições de vida que impactou significativamente as memórias das pessoas, gerando medo e contribuindo para a perda de eventos significativos ou detalhes importantes de suas histórias. No romance evaristiano, a favela não era e não seria mais a mesma após o plano de desfavelamento. Muitos viviam confusos em relação aos motivos pelos quais os donos das terras que situavam a favela os queriam fora dali.

O plano de desfavelamento também aborrecia e confundia a todos. Havia um ano que a coisa estava acontecendo. A favela era grande e haveria de durar muito mais. Dava a impressão de que eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela.

Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez. As famílias estavam mudando havia um ano, mas, tempo antes, já havia a ameaça de que iria acontecer. (EVARISTO, 2020, p. 116).

O termo “desfavelamento” usado por Conceição Evaristo em *Becos da memória* (2020) refere-se ao processo de remoção de uma favela, muitas vezes devido às intervenções urbanas e sociais que visam transformar os espaços urbanos, contudo sonhos também eram modificados e até mesmo anulados. A favela, que não é nomeada, é retratada como um local rico em memórias que moldam a identidade do local e das pessoas que vivem ali, pois elas têm uma forte ligação que muitas vezes está enraizada no ambiente físico ao seu redor. É um espaço onde as histórias pessoais e/ou coletivas se entrelaçam com as histórias atuais e do passado.

Os últimos barracos na favela pareciam estar ali de teimosos. Eram poucos, pouquíssimos. Lembrou-se dos que já haviam sido derrubados. Lembrou-se também do que contaram sempre Tio Totó e Maria Velha, de como era ali na época em que chegaram. Muitos becos já haviam desaparecido. [...] Um terreno, que antes era reconhecível até de olhos fechados, de um momento para outro perdera todas as suas características. Perdera todo o tortuoso relevo. Os becos de onde saltavam tantas vidas desapareceram como se nunca houvessem existido. (EVARISTO, 2020, p. 178-179).

Muitos moradores quando são coagidos a sair de seus lares, acabam perdendo suas histórias, os vínculos sociais e a conexão com o lugar onde cresceram. A incerteza em relação ao futuro, a perda de estabilidade e a acomodação em novos lugares podem ter implicações econômicas significativas, bem como impactar negativamente a vida tanto no aspecto social quanto no aspecto emocional dos que foram atingidos. O romance oportuniza muitos momentos para que as vozes dos moradores da favela sejam ouvidas e assim, não apagar as várias histórias construídas pela comunidade. “Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos” (EVARISTO, 2020, p. 71). Portanto, manter as memórias do lugar é uma forma de resistência contra o desfavelamento.

Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Junior, apresenta uma narrativa de testemunho, diretamente vinculada às pessoas engajadas, que lutam contra a desigualdade social e em favor de questões ligadas à terra. O romance gira em torno da luta da comunidade rural de Água Negra contra as injustiças sociais impostas às minorias em função da condição escravagista na sociedade brasileira, que recorrem aos seus ancestrais em busca de sobrevivência. De acordo com Paul Ricoeur (2007, p. 5) “o testemunho é, num sentido, uma

extensão da memória, tomada na sua fase narrativa”. Logo, o relato de testemunho também faz parte do âmbito da memória. Aleida Assmann (2021), não divide a memória em “memória coletiva” e “memória individual”, e sim, apresenta para o debate as concepções de “memória cultural” e “memória comunicativa”. Deste modo, “Há, então, um paralelo entre a memória cultural, que supera épocas e é guardada em textos normativos, e a memória comunicativa, que normalmente liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente” (ASSMANN, 2021, p. 17). Entende-se por testemunho na memória comunicativa, nos relatos ou ideias contidas nele, uma forma oral de transmissão, alcançando exclusivamente as gerações próximas. Já na memória cultural é registrada artificialmente, sendo os arquivos, a escrita, entre outros. As narrativas-testemunho são fragmentos de experiências do indivíduo, dando ênfase às pressuposições da vivência e das novas configurações identitárias resultantes da reformulação de acontecimentos inseridos nos textos ficcionais.

Em *Torto arado* (2019), a relação entre as protagonistas do romance, as irmãs Bibiana e Belonísia, é intimamente influenciada pelas memórias da terra onde cresceram, marcadas pela pobreza, lutas, valorização da cultura local e de seus ancestrais. As reminiscências da infância, das tradições familiares e das dificuldades enfrentadas diariamente, conduzem o modo como as irmãs veem a si mesmas e o mundo ao seu redor. Mesmo havendo outros irmãos, Bibiana e Belonísia eram tão unidas que conseguiam se comunicar por meio do olhar.

Eu e Belonísia éramos as mais próximas e, talvez por isso, as que mais se desentendiam. Tínhamos quase a mesma idade. Andávamos juntas pelo terreiro da casa, colhendo flores e barro, catando pedras de diversos formatos para construir nosso fogão, galhos para fazer nosso jirau e nossos instrumentos de trabalho para arar nossas roças de brinquedos, para repetir os gestos que nossos pais e ancestrais nos haviam legado. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 22-23).

Bibiana sempre teve uma conexão forte com sua irmã, principalmente após o incidente com a faca quando perdeu sua língua. No início foi difícil, porém a necessidade de se comunicar e de se fazer entender era tanta que logo uma tornou-se parte da outra. “Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 24). Esse laço emocional que existia entre as irmãs seria o que as manteriam unidas, mesmo que algumas situações e sentimentos indesejados as arrastassem para longe uma da outra.

Em uma noite de reza no dia de São Sebastião, santo de devoção de Zeca Chapéu Grande, Bibiana sentiu uma sensação incômoda quando viu sua irmã e o seu primo Severo

saindo detrás do umbuzeiro. “Sem conseguir dormir o resto da noite, nem olhar para minha irmã, fui tomada por um sentimento de decepção e rivalidade que desconhecia até aquele instante” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 46). Ela mal esperou amanhecer e já fez com que sua mãe, D. Salustiana soubesse do que provavelmente havia ocorrido entre os primos Severo e Belonísia. Bibiana sentiu-se vingada ao ver sua mãe repreender sua irmã. Foi a primeira vez que elas se separaram diante da mágoa que cada uma carregava no peito e pelo sentimento que ambas adquiriram pelo primo Severo. Mas logo, tudo foi entrando nos eixos e elas contornaram a situação.

O sentimento de reciprocidade, afeto e companheirismo entre Bibiana e Belonísia desde a infância é algo marcado em suas memórias e que será consolidado no decorrer da narrativa, pois uma sempre estaria conectada à outra. “Meu encanto por primo Severo não era maior do que o que sentia por minha irmã, do sentido de proteção que lhe devia, da proteção que ela me devotava também” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 52). Com o passar do tempo, as irmãs foram deixando que o tempo as fizesse superar aquela paixão repentina pelo primo Severo e assim retornar para o trabalho duro que era a vida no campo.

Zeca Chapéu Grande, símbolo de força e resistência, viu sua vida tomar outro rumo após a morte de sua mãe Donana, líder espiritual e curadora da comunidade de Água Negra. Diante de sua partida, Zeca assumiu o papel da mãe, não hesitando fugir do compromisso, ou seja, do legado deixado por ela. Mesmo passando por algumas situações que o deixavam constrangido, empenhou-se em preservar as memórias e tradições que conectavam a comunidade às suas raízes, crendo que as terras onde viviam eram mais do que meros espaços geográficos; e sim, protetoras das histórias de lutas e feitos passados.

Foi na noite de santa Bárbara, em dezembro, e meu pai, apesar de suas obrigações nas brincadeiras de jarê, havia acordado mal-humorado, com as respostas lacônicas às perguntas que lhe faziam. Só os mais próximos, como nós, sabíamos o porquê do desconforto visível em seus gestos. [...] Zeca Chapéu Grande se envergonhava de ter que deixar as calças que honravam a sua posição de liderança na fazenda, como pai espiritual, e vestir saias, emprestando seu corpo a uma mulher. Fazia porque era a sua obrigação, compromisso que havia assumido quando curou da loucura e se fez santo na casa de João do Lajedo, em Andaraí. Mas se envergonhava, porque a audiência era formada por seus compadres e vizinhos, que muitas vezes conduzia nos trabalhos de mutirão para a fazenda. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 62-63).

A pressão social e o embate individual de Zeca Chapéu Grande desafiaram-no a conciliar diferentes aspectos de sua vida em uma comunidade arraigada pelas tradições culturais. À medida que o tempo avançava, a comunidade de Água Negra experimentava transformações que reverberaram em suas memórias individuais e/ou coletivas na busca por

oportunidades que redefinissem e fortalecessem sua identidade. Aqueles que se aventuravam em novos caminhos levavam experiências significativas para confrontar o desconhecido e não ficar à mercê de uma vida medíocre. Foi o que levou Bibiana e Severo a embarcar em uma nova jornada, pois tinham pensamentos semelhantes em relação à vida que levavam no campo e acreditavam que, se continuassem ali, suas histórias permaneceriam estagnadas.

Severo sempre demonstrou o desejo de sair pela estrada, pois não queria ficar trabalhando para sempre em Água Negra. “Aqui já não tem mais trabalho, dizia, talvez seja a hora de seguirmos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 78). Diante disso, ele tentava mostrar à Bibiana que poderiam conquistar sua liberdade e escrever uma nova história distante dali, porém sem perder o elo que tinham com seus antepassados. Ao deixar suas histórias para trás, Bibiana e Severo não estão ignorando as tradições cultivadas em Água Negra, pelo contrário, eles estão reconhecendo a capacidade em levá-las como um guia para o novo caminho que se inicia. A transformação de cenário é vista como uma oportunidade de fortalecer e aperfeiçoar esses conhecimentos, aplicando-os em novos contextos. Kabengele Munanga fala que,

No caso da sociedade afro-brasileira, como de qualquer outra, a memória é construída de um lado pelos acontecimentos, personagens e lugares vividos por este segmento da sociedade, e de outro lado pelos acontecimentos, personagens e lugares herdados, isto é, fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo e forjando fortes referências a um passado comum (por exemplo, passado cultural africano, passado enquanto escravo). O sentimento de pertencer à determinada coletividade está baseado na apropriação individual desses dois tipos de memórias, que passam, então, a fazer parte do imaginário pessoal e coletivo. (MUNANGA, 1990, p.113).

É o que ocorre na tessitura do romance, um sentimento de pertencer a uma tradição, uma herança cultural marcada por eventos que moldaram a vida das protagonistas, Bibiana e Belonísia, concretizando-as testemunha de lutas que transcendem o tempo. A ligação entre a memória e a terra proporciona um tino poético à narrativa em meio às adversidades enfrentadas pelas personagens. O romance apresenta a interação daqueles que protegem a terra, defendendo as tradições que resistem aos momentos traumáticos persistentes em suas memórias, reafirmando não somente suas identidades individuais, mas também a força coletiva que provém da relação de sentido entre memória e terra.

Se soubessem que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria comprado cadernos com o dinheiro das coisas que vendia na feira, e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. Teria deixado a curiosidade que tive ao ver a faca com o cabo de marfim se transformar na

curiosidade pelo que poderia me tornar, porque de minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas da cidade. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 170).

Nota-se uma reflexão da narradora, no caso Belonísia, sobre a relevância que as experiências e memórias usadas como ferramentas de resistência e transformação de grupos sofrem com a opressão. *Becos da memória* (2020) e *Torto arado* (2019) destacam-se numa construção textual que dialoga com a vivência dos excluídos e que consiste em um aspecto bem significativo entre os textos, permitindo ao leitor compreender o ambiente como um lugar multifacetado para além das percepções tais como, exclusão social, miséria, violência, silenciamento, entre outros. Assim, a arte literária de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior constitui-se em um mecanismo fundamental na discussão de temas que representem uma sociedade marginalizada, tanto no espaço urbano quanto rural. Ainda que os autores exponham cenas impactantes, o leitor as recebe com certa leveza devido ao teor lírico que sustenta as narrativas, aproximando-o da vivência do sujeito negro.

2.4 Espacialidades e Identidades: proximidades do sujeito negro em *Becos da Memória* e *Torto Arado*

A investigação por essa abordagem literária muitas vezes dissemina uma visão profunda sobre questões relacionadas à identidade, história, resistência e pertencimento, proporcionando aos leitores uma heterogeneidade de experiências em narrativas que abrangem a comunidade afrodiaspórica. O espaço literário tem se estabelecido como um lugar de memória e construção identitária, corroborando com a relação entre lugar e sujeito. Segundo o filósofo francês Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (1993), “uma espécie de atração concentra as imagens em torno da casa. Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, [...] podemos isolar uma essência íntima e concreta [...] para o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida?” (BACHELARD, 1993, p. 199). Ao abrigar-se em um espaço ao longo do tempo, cria-se um conjunto de memórias que não se limitam apenas ao espaço físico; elas transcendem os aspectos emocionais e psicológicos, interiorizando histórias vividas, emoções sentidas e as relações constituídas.

Os romances *Becos da memória* (2020), de Conceição Evaristo e *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior exploram as proximidades do sujeito negro diante do racismo estrutural, o mesmo tempo, em que valorizam as tradições culturais e a busca pelo autoconhecimento, acendendo caminhos para diálogos condescendentes sobre sentimentos de empatia e reciprocidade. Ao adentrar nas páginas dos romances, o leitor é guiado por tramas que transcendem as fronteiras do tempo e espaço, enredadas pela luta, resistência e tradição ancestral que particularizam a vivência das personagens negras. “Na narrativa contemporânea, o espaço constrói-se a partir do cruzamento de variados planos espaço-temporais experimentados pelo sujeito, apresentando uma dimensão múltipla e um caráter aberto” (SANTOS; OLIVEIRA, 2019, p. 82). Assim, oportuniza-se ao leitor refletir sobre as histórias individuais das personagens, a participar ativamente na construção do significado de espaço em relação a questões amplas que permeiam a sociedade, a construção identitária e a contribuição da comunidade negra para o universo literário.

O espaço era pensado mais como geografia, território demarcado, do que desdobramento de vivências. Nessa perspectiva, ou se abordava o espaço narrativo enquanto lugar de representações míticas – espécie de cenário difuso e desfocado, sintonizado em um eterno presente -, ou, no extremo oposto, pretendia-se focalizar o espaço enquanto região delimitada, com suas características singulares. [...] Em tais cenários, cria-se um microcosmo em função do qual vão se definindo as condições históricas e sociais das personagens, onde é possível detectar a correlação funcional entre os ambientes, as coisas e os comportamentos. (SANTOS; OLIVEIRA, 2019, p. 78-79).

Em *Becos da memória* (2020), a escolha do cenário urbano, no caso os becos da favela, simbolizam os espaços físicos, sociais e culturais nos quais expõem tanto as fraquezas quanto as forças da comunidade negra e a importância em preservar as tradições afro-brasileiras. Conceição Evaristo apresenta as reminiscências como uma estratégia para aproximar as gerações e validar as experiências compartilhadas, reconhecendo e destacando cada história na construção de uma identidade coletiva. *Torto arado* (2019) aponta várias questões relacionadas ao sujeito negro enraizado no contexto rural brasileiro, explorando a conexão das personagens com a terra e os desafios enfrentados pela comunidade de Água Negra, destacando a resistência diante das injustiças sociais, econômicas e raciais. As personagens femininas em ambos os romances exercem papéis significativos na busca por autonomia e nas lutas específicas que enfrentam, oferecendo uma visão multifacetada das experiências dessas personagens.

No romance evaristiano *Becos da memória*, os becos da cidade se tornam metáforas poderosas como principal elemento de conservação do passado e construção da memória

coletiva da comunidade da favela. A autora desvela, por meio da escritura e oralidade, os becos como espaços de lembrança e resistência onde as narrativas silenciadas encontram amparo. “Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras” (EVARISTO, 2020, p. 11). A proximidade do sujeito negro com esses becos não é apenas física, mas também simbólica, conectando-se a uma herança cultural e histórica que permeia o cotidiano das personagens. Conceição Evaristo, ao aproximar fisicamente os becos da favela com um bairro “bem rico e bem próximo” (EVARISTO, 2020, p. 23), reforça em sua narrativa as disparidades socioeconômicas presentes na sociedade. A autora destaca a ironia de ter comunidades marginalizadas situadas ao lado de áreas mais privilegiadas, ou seja, uma relação histórica entre senzala e casa-grande conduzida para o contexto contemporâneo.

Maria-Nova, voz narradora, dedica-se a coletar histórias das personagens visando compreendê-las e relacioná-las com a sua história. Com base nisso, ela segue buscando na memória experiências que se conectam com as que são vivenciadas na favela. A notícia do processo de desfavelamento gera um grande impacto na comunidade, reavivando memórias de uma dolorosa trajetória em busca por sobrevivência. Diante da possibilidade da perda do seu espaço, Tio Totó revisita seu passado no que configura em mais uma ameaça de retirada do lugar que ele considera como seu lar.

Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? [...] Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, alguma galinha e o chiqueiro vazio. - Perdi as forças, Maria-Velha. Trabalhei demais. Eu quero agarrar nas coisas, pegar o machado, rachar essa lenha... Assento e penso: pra quê? Fiz isso a vida inteira... Labutei, casei três vezes, viuvei de duas, a terceira é você. Tive filhos das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora. Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança. (EVARISTO, 2020, p. 18).

Tio Totó, devido a sua idade e cansaço, resiste à ideia de se mudar novamente, ao almejar encontrar estabilidade e sossego, principalmente, pela tentativa de superar e compreender a sua própria existência. Filho de pais escravos e que desde menino labutava na roça com seu pai, a vida foi acontecendo carregada de muitas tristezas e perdas, dentre elas, a esperança. A favela para Tio Totó despertava o sentimento de um território familiar, de pertencimento, de repouso para seu corpo e memória. Outro ponto a ser considerado é a representatividade do espaço favela com as várias histórias de vida daqueles que não tiveram

voz em outros tempos. “O significado dos locais das gerações surge do vínculo duradouro que famílias ou grupos mantêm com um local determinado. [...] este determina as formas de vida e as experiências das pessoas, tal como estas impregnam o local com sua tradição e histórias” (ASSMANN, 2021, p. 328).

Desde o início do desfavelamento, a imagem dos tratores da firma construtora demolindo a favela despertava em cada morador a sensação de que não eram somente casas sendo destruídas, e sim, seus sonhos e suas histórias. “Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e a angústia também. [...] isto precipitava a dor de todos nós. Cada família que saía era a confirmação de que chegaria a nossa vez” (EVARISTO, 2020, p. 71). Apesar daquele lugar não ser o paraíso, “mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos” (EVARISTO, 2020, p. 71). A cada avanço dos tratores pela favela, desencadeavam as mais distintas sensações em seus moradores. “O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir?” (EVARISTO, 2020, p. 71). Conforme a favela desaparecia, a vida pouco a pouco foi sendo levada junto e o silêncio embrenhava cada beco como se nunca tivesse existido.

Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente desocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que haviam ido pela manhã, agora só restava um vazio. Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores. Pensou em Vó Rita. Teve vontade de ir ter com ela, mas não podia. Voltou para casa, cabisbaixa fundando o pé na terra solta, na poeira. Cada pé que afundava no macio da terra sentia no peito o peso de nada. Não posso chorar. Quero guardar esta dor. (EVARISTO, 2020, p. 87).

Maria-Nova se mostra cada vez mais envolvida com as histórias de quem residia na favela, suas inquietações e percepções diante da particularidade de cada uma delas se mantêm vivas entre sujeito, espaço e memória. Assim, ao narrar a história da chegada de Tio Totó e Nega Tuína na cidade, Maria-Nova não se interessava somente por histórias, mas também nas expectativas daqueles que buscam uma vida melhor:

Totó e Nega Tuína vieram caminhando para a capital. Não tinham pressa para chegar. [...] Com algumas coisinhas e certa quantia de dinheiro guardada na capanginha feita de saco de farinha de trigo e com as primeiras ânsias de vômito, Nega Tuína e Totó chegaram à cidade. [...] Tio Totó estava se sentindo feliz. Gostava da cidade, daquele burburinho todo diferente das fazendas. [...] Sonhos novos brotavam na cabeça de Tio Totó. [...] Quando cheguei à favela, ainda existia muito lugar vazio. Esta minha casa era só um quatinho, fui aumentando aos poucos. Hoje você vê, menina, são quatro cômodos; comecei aqui com Nega Tuína. (EVARISTO, 2020, p. 88-89).

Porém, nem todos apostavam numa vida satisfatória na favela, mas ali era o lugar que chamavam de lar. O impacto do desfavelamento traz consigo não apenas a destruição física do ambiente, mas sim a anulação das histórias, experiências e identidades enraizadas ao longo do tempo. “Ameaçados, ou melhor, confrontados diante do desfavelamento, um desânimo amolecia a vontade de todos. Emoções confusas tomavam conta de Maria-Nova e a menina procurava se equilibrar em meio de tantos acontecimentos” (EVARISTO, 2020, p. 137). Mais uma vez, eles seriam vítimas do silenciamento e da exclusão, referindo-se à época da escravidão. “Sabia, por sua própria vivência, que na favela se concentravam a pobreza e mesmo a miséria. Percebia a estreita relação de sentido entre favela e a senzala” (EVARISTO, 2020, p. 137). Ao descrever a vida na favela, Maria-Nova evidencia a importância dentre os sujeitos que ali vivem ao retratar as memórias de um grupo que compartilha das mesmas lutas e ambições. “Pois, mesmo com o abandono e a destruição de um local, sua história ainda não acabou; eles retêm objetos materiais remanescentes que se tornam elementos de narrativas e, com isso, pontos de referência para uma nova memória cultural” (ASSMANN, 2021, p. 328). Apesar das adversidades, a narrativa persiste em resistir às mudanças e preservar aspectos essenciais de sua história, contribuindo para a evolução da identidade cultural.

É fundamental que a história seja contada a partir do olhar de alguém que não apenas testemunhou, mas a viveu. Maria-Nova “[...] é, portanto, não apenas testemunha daquilo que relata, mas também depositária da experiência dos seus – e a sua escrita se faz, então, mais uma vez, espaço de luta e de empoderamento” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 296). Conceição Evaristo permite que a sua voz seja vinculada com a de Maria-Nova e, conforme o próprio nome simboliza, mensageira de uma nova história. A favela, como espaço-lugar, está intrinsecamente ligada à construção da identidade e do sentimento de pertencimento. Com o desfavelamento, a desconexão dos moradores com o ambiente familiar contribui para a perda de familiaridade e ligação emocional com o lugar que consideravam como seu lar. “Um terreno, que antes era reconhecível até de olhos fechados, de um momento para outro perdera todas as suas características. [...] Os becos de onde saltavam tantas vidas desapareceram como se nunca houvessem existido” (EVARISTO, 2020, p. 178-179). Os becos da favela possuem uma força e centralidade tão intensa na narrativa por despertarem diversos sentimentos e sensações, sobretudo no que tange às memórias da escravidão.

O romance *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, narrado no sertão baiano, na região da Chapada Diamantina, divide-se em três partes: “Fio de corte”; “Torto Arado”; e “Rio de Sangue”. Cada parte é apresentada por meio de três vozes femininas, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, que permitem a relação do leitor com a terra em suas

amplas dimensões. A *terra* é um elemento conectado aos sujeitos de forma individual e coletiva, reacendendo os conhecimentos de seus ancestrais e repassados às novas gerações. É numa comunidade de descendentes de escravizados que desencadeia as ações da narrativa que lutam para sobreviver em meio às secas e exploração. Cada história é construída com fios da terra, dos rios que cortam pela região e do testemunho das matas com o passar das eras. Esses elementos da natureza não são apenas pano de fundo; eles são a própria essência da história de Água Negra. O espaço rural, longe de ser idílico, torna-se um campo de batalha no qual as questões raciais, econômicas e culturais impactam intimamente as vivências do sujeito negro.

Chegamos à fazenda há muitos anos, cada um aqui sabe como foi. Essa história já foi repetida muitas vezes. Mil vezes. Muitos de nós, a maioria, posso dizer, nasceram nesta terra. Nasceram aqui, nesta terra que não tinha nada, só o nosso trabalho. Isto tudo aqui só existe porque trabalhamos esta terra. Eu nasci aqui. Meus irmãos nasceram aqui. E os que não nasceram, já estão a maior parte de suas vidas em Água Negra. Os donos pisavam os pés nesta terra só para receberem o dinheiro das coisas que plantávamos nas roças. [...] quantas secas já vimos se abaterem sobre a fazenda e quantas enchentes comeram nossas roças na beira do Utinga e do Santo Antônio. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 219).

A primeira parte do romance, “Fio de corte”, conduzida pela voz de Bibiana, que teria ainda criança seu destino entrelaçado ao de sua irmã mais nova Belonísia, a partir do momento em que elas encontram a faca de marfim da avó Donana. Com o passar do tempo, Bibiana carrega consigo um intenso desejo de construir uma trajetória de vida diferente de sua família. Sua ambição era romper com a realidade opressiva e construir um futuro que transcenda as limitações impostas pela exploração e pelas condições adversas do campo. Bibiana passa por uma transformação à medida que ela entra em contato com seu primo Severo. Essa mudança marca não apenas uma evolução na perspectiva da protagonista, como também sinaliza um ponto de virada na trama, indicando possíveis desdobramentos e desafios que surgirão no desenrolar da história. A concretização desse desejo se inicia quando Bibiana decide deixar Água Negra, acompanhada por agora seu companheiro Severo, devido a uma gravidez inesperada. Esse passo representa não apenas uma ruptura física com o local opressivo, e sim, simboliza a procura por uma vida mais independente.

Pensei nas palavras de Severo sobre a situação de nossas famílias na fazenda. Que a vida toda estaríamos submissos, sujeitos às humilhações, como a pilhagem do nosso alimento. Que eu tinha um papel nisso tudo, e que meus pais precisavam de mim para mudar de vida. Que poderíamos, sim, comprar nossa própria terra e vir buscá-los. Que só assim conseguiríamos ter uma vida digna. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.86).

Para alcançar esse objetivo, Bibiana escolhe trilhar o caminho da educação e torna-se professora. Essa decisão não apenas reflete sua busca por autonomia e emancipação, mas também sua determinação em proporcionar uma vida diferente para si mesma e para aqueles ao seu redor. “Aquela fazenda sempre teria donos, e nós éramos meros trabalhadores, sem qualquer direito sobre ela. [...] Não era justo ver meu pai e minha mãe envelhecendo, trabalhando de sol a sol, sem descanso e sem qualquer garantia de conforto em sua velhice” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 79). No entanto, a narrativa revela que mesmo fora dos limites físicos da fazenda, Bibiana não está imune às situações que lembram a escravidão. As dificuldades que ela e Severo enfrentam fora da fazenda destacam como a exploração persiste, muitas vezes de maneiras camufladas, em diversos contextos.

No segundo capítulo, intitulado “Torto Arado”, Belonísia assume a condução da narrativa, e assim como seu pai Zeca Chapéu Grande, sua mãe Salustiana e sua avó Donana, mostra uma relação íntima com a terra. Essa ligação vai além do aspecto físico, ao transcender para uma dimensão espiritual e cultural. “Há muitos anos, senti meu corpo vibrar como terra úmida daquele campo. [...] Quando estava sozinha e sabia que não a observariam [...] deitava no chão [...] tentava escutar os sons mais íntimos, dos lugares mais recônditos do interior da terra” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 254). A dedicação de Belonísia ao trabalho na lavoura adota uma participação ativa nas atividades agrícolas durante a ausência de Bibiana. Após a partida da irmã, que era seu vínculo de comunicação com o mundo externo, Belonísia se mostra uma mulher forte e decidida em assumir a sua voz. Seu primeiro “grito” de independência foi em relação às aulas na escola construída na comunidade, pois aquele não era o seu ambiente. Belonísia gostava mesmo era do trabalho da roça, o cuidado com a terra.

Poder estar ao lado de meu pai era melhor do que estar na companhia de dona Lourdes, com seu perfume enjoativo e suas histórias mentirosas sobre a terra. [...] Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento – bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99).

Nesta narrativa, Belonísia designa as rodas de jarê, como um espaço onde as tradições culturais dos povos quilombolas, as danças, músicas, práticas relacionadas à cura, fé e espiritualidade são celebradas. Seu pai, Zeca Chapéu Grande, após a morte de sua mãe Donana, tornou-se o curandeiro e parteiro da região. “Zeca Chapéu Grande era diferente de nós, que não sabíamos lidar com eventos daquela natureza. [...] Vi que dos lábios grossos e antigos de meu pai saíam as rezas que nos remetiam à segurança da magia que lhe

creditavam” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 34-35). O jarê, portanto, é representado como um santuário para o fortalecimento da identidade cultural e espiritual do povoado de Água Negra. A casa de Zeca Chapéu Grande é associada a uma espécie de terreiro local onde as pessoas vão em busca de solução para seus males, principalmente os espirituais. Como na loucura de Crispina, filha de um dos trabalhadores da fazenda, e quando ele, com seus rituais, cura o filho do prefeito.

A vida de Belonísia toma novos rumos quando se envolve com Tobias, o novo vaqueiro da fazenda. Ela queria experimentar a vida como fez Bibiana e desejava que ele a fizesse sua mulher. Desde que saiu da casa de Zeca Chapéu Grande com Tobias, vários pensamentos e sentimentos tomavam conta de Belonísia. Ao chegar diante do que seria seu lar, um casebre com paredes esburacadas, cheia de entulhos pelos cantos, Belonísia se arrepende por perceber que sua vida ali não seria nada fácil. “Naquele momento, fui sendo tomada de pavor, mas fiz de tudo para não transparecer minha tristeza” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 110). Com o passar do tempo, Tobias mostrou-se violento e chegava frequentemente em casa embriagado, sujeitando-a a maus-tratos. “Ouvi gritar de casa que eu era burra. Que não falava. Que era aleijada da língua. Engoli cada insulto que ouvia de sua boca. [...] Ele continuou com os insultos, mas deixei meu coração aquietar” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 121). A narrativa propõe um caminho de autodescoberta e resistência para Belonísia, enquanto enfrenta as confusões de seu relacionamento. Entretanto, ela permaneceu ao lado do marido, trabalhando na terra e se transformando em uma mulher forte que nada temia. Logo, Tobias faleceu e Belonísia queria apagar de vez da sua memória os momentos sombrios que viveu com seu marido.

Bibiana e Severo retornam à fazenda. Durante o tempo que estiveram fora, ela realiza seu sonho ao se formar como professora e Severo passa a fazer parte de um sindicato que objetiva promover a conscientização dos moradores de Água Negra sobre o direito à terra. Quem não modifica a conduta em relação à subserviência do seu povo diante do patrão é Zeca Chapéu Grande, que faz uma reflexão diante de sua condição de trabalhador.

Trabalhe mais e pense menos. Seu olho não deve crescer para o que não é seu. [...] O documento da terra não vai lhe dar mais milho, nem feijão. Não vai botar comida na nossa mesa. [...] Está vendo este mundão de terra aí? O olho cresce. O homem quer mais. Mas suas mãos não dão conta de trabalhar ela toda, dão? Você sozinho consegue trabalhar essa tarefa que a gente trabalha. Esta terra que cresce mato, que cresce a caatinga, o buriti, o dendê, não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode valer até para essa gente que não trabalha. Que não abre uma cova, que não sabe semear e colher, mas para gente como a gente a terra só tem valor se tem trabalho. Sem ele a terra é nada. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 185-186).

Com essa postura de Zeca Chapéu Grande, nota-se que estão presos em um ciclo de exploração, que as pessoas morrem trabalhando e outras nascem para dar continuidade ao mesmo sistema. Severo discorda do pensamento de Zeca Chapéu Grande e deixa claro o motivo pelo qual luta. “Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre o que plantar e colher além de nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 187). À medida que o tempo passa, as pessoas vão adquirindo consciência política, enxergando-se como uma comunidade quilombola e intensificando os conflitos com os donos da terra. Para os moradores de Água Negra, perder sua terra denotaria deixar de existir. Depois do assassinato de Severo, Bibiana luta ainda mais pela causa quilombola. Em um discurso carregado de força, reconhece a batalha que o companheiro enfrentou e a importância de continuá-la.

Severo morreu porque pelejava pela terra do seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam havia muito tempo naquele lugar, onde seus filhos e netos tinham nascido. Onde enterraram seus umbigos, no largo de terra dos quintais das casas. Onde construíram casas e cercas. [...] Levaram Severo para a cidade, mas não houve tempo para salvá-lo. Em Água Negra correu um rio de sangue. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.207).

O terceiro e último capítulo, “Rio de Sangue”, conecta-se de maneira expressiva com o relato de Belonísia. A escolha do título sugere um evento trágico, marcado por violência e confusão. Esse capítulo assume a voz da entidade Santa Rita Pescadeira, proporcionando uma visão privilegiada e reveladora dos acontecimentos que precedem a chegada da família das irmãs à fazenda. A narradora inicia sua história comunicando que o “cavalo”, termo usado para se referir à mulher na qual ela se manifestava, já faleceu e agora está vagando em busca de um novo corpo para habitar. Conforme a narrativa avança, “a encantada” explica o estranhamento que as pessoas sentem diante de sua aparição.

Sou uma velha encantada, muito amiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca. Atravessei o tempo como se caminhasse sobre as águas de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 212).

A “encantada” age como uma espécie de testemunha após descrever as barbaridades praticadas pelos senhores durante a escravidão. Ela afirma que viu “tanta crueldade ao longo

do tempo, e mesmo calejada me comovo ao ver os homens derramando sangue para destruir sonhos. [...] Vi homens e mulheres venderem seus pedaços de terras [...] porque não suportavam mais a fome da seca” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 206-207). A narrativa revela o desejo dos trabalhadores em fixar vínculos com a fazenda em Água Negra, uma ação que se planeja reivindicar os direitos e laços históricos com a terra. Salustiana, mãe de Bibiana e Belonísia, consegue concretizar esse desejo, mas não sem consequências.

[...] Salu estava amargurada pela disputa pela terra que havia tirado a vida de Severo. Pelas ameaças e proibições que tinham a intenção de fazê-los deixar a fazenda. [...] Eu não sou a única a morar nesta terra. Muitos desses moradores que vocês querem mandar embora chegaram muito antes de vocês. Vocês não eram nem nascidos. Muitos nasceram aqui. Tenho filhos e netos, todos nasceram em Água Negra. [...] Cheguei aqui moça e jovem. Aqui vivi, criei meus filhos, labutei com meu marido, vi meus vizinhos e compadres serem enterrados, lá no cemitério que vocês fecharam. Fui parida, mas também pari esta terra. [...] esta terra mora em mim. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 229).

Os proprietários da fazenda reagem requerendo na justiça a reintegração de posse de toda a área ocupada pelos trabalhadores. “No meu peito mora Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e de seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas nunca irão arrancar a terra de mim” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 230). Contudo, antes de sair a decisão da justiça, o proprietário é assassinado. Nesse contexto, Bibiana e o filho são intimados a depor, sendo questionados sobre o papel deles na suposta “desordem” da fazenda. Severo, que já faleceu, não está mais presente para enfrentar essa batalha judicial, deixando Bibiana e o filho como representantes pela luta e resistência dos trabalhadores. É nessa ocasião que Bibiana se declara ao escrivão “quilombola”, um termo que revela a conscientização e a reafirmação da identidade dos trabalhadores como um grupo que visa resistir às tentativas de desocupação e assim resgatar sua conexão com a terra.

No final, Santa Rita Pescadeira, ao habitar o corpo tanto de Bibiana quanto de Belonísia, convoca uma espécie de resposta à opressão e exploração sofridas pelo seu povo ao longo das gerações. Inicialmente, apropriou-se do corpo de Bibiana e levou-a a cavar a cova onde seria enterrado o corpo do dono das terras: “Levei Bibiana para caminhar no fundo da noite [...] São tantas noites cavando a terra para o fojo que as mãos de Bibiana estão laceradas. Quando deixo seu corpo pela manhã, ela cuida das palmas dormentes e castigadas com bolhas e feridas surgidas de nossa guerra” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 260). Em seguida, ela apodera-se do corpo de Belonísia, pois, conforme ela, “conhecia a terra como ninguém. [...] Era da linhagem de Donana [...] Belonísia era a fúria que havia cruzado o tempo. Era filha da gente forte que atravessou um oceano, que foi separada de sua terra, que deixou para trás

sonhos [...]” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 261). A força provinda pela “encantada” parece ser um catalisador para as ações das personagens femininas, impulsionando-as a enfrentar e superar os desmandos e adversidades enfrentados pela comunidade. “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 262). Dessa forma, o terceiro capítulo e seu desfecho não apenas oferecem uma visão completa da história da comunidade de Água Negra, como culminam em um momento de transformação, destacando o valor da conexão com seus ancestrais e da luta contra as injustiças para alcançar a libertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura afro-brasileira, na contemporaneidade, testemunha um avanço significativo ao introduzir novas escrituras que rompem com convenções preestabelecidas, cultivando formas literárias constantes e ativas. É o que se observa durante este estudo, como Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior transcendem estruturas narrativas convencionais, apresentando uma linguagem que incorpore elementos da tradição oral, ressignificando assim, o próprio arcabouço do texto. Logo, essas novas escrituras não somente expõem meras narrativas, mas também visam expandir as fronteiras literárias, instituindo espaços de engajamento com questões sociais atuais onde a linguagem é profunda, espontânea e carregada de intensos significados.

Os romances contemporâneos afro-brasileiros *Becos da memória* (2020) e *Torto arado* (2019) se destacam pela diversidade de vozes que ecoam em suas entrelinhas e que não se limitam a uma única perspectiva, contudo se entrelaçam em diferentes conhecimentos na comunidade afrodescendente. Essa multiplicidade de vozes não apenas enriquece a narrativa, como também provoca a desconstrução de estereótipos historicamente associados à literatura negra. A escritura de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior trilha por caminhos que abrangem e centralizam a voz feminina negra, construindo um estilo próprio que represente a afrocentricidade a partir da vivência de mulheres e homens negros na sociedade brasileira. Suas escrituras funcionam como um retrato da memória, empoderamento e afirmação da identidade negra e análise reflexiva em relação às heranças da escravidão no contexto brasileiro. Diante disso, história e literatura estão intrinsecamente entrelaçadas na tessitura de diversas narrativas, demonstrando cada vez mais a capacidade da ficção em construir novos conhecimentos sobre o passado de uma comunidade, geralmente revelados por meio da memória.

Nos romances *Becos da Memória* e *Torto Arado* é possível perceber uma trama imersa em contextos históricos específicos, como a realidade das favelas e dos campos sertanejos, proporcionando uma representação vívida das condições sociais, culturais, econômicas e políticas enfrentadas pelas personagens. Assim, as vozes negras de Maria-Nova, Bibiana, Belonísia e da entidade Santa Rita Pescadeira marcam os romances como uma ferramenta de resistência e de luta contra um passado que, do ponto de vista do opressor, estaria fadado ao esquecimento. É o que fazem Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior ao utilizar diferentes

escrituras/vozes para a reconstrução e fortalecimento da identidade e memória negro-brasileira.

A partir da leitura e releitura dos romances, compreende-se que os lugares de memória, personificados pelos becos da favela e pela comunidade rural em Água Negra, são importantes para a preservação da história dessas comunidades. Eles representam espaços considerados fontes vivas de memórias coletivas, ao testemunhar as lutas por justiça social, resistência contra as adversidades, preservação de histórias e transmissão de tradições ao longo das gerações.

Durante toda trajetória desta dissertação, o objetivo primordial de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior foi o de contribuir para a valorização da diversidade da escrita afro-brasileira contemporânea, conferindo reconhecimento da pluralidade de vozes, trajetórias e identidades presentes na comunidade negra. O intuito é oferecer um espaço de expressão para as vivências, perspectivas e desafios enfrentados por escritores negros, que muitas vezes foram marginalizados ou sub-representados em contextos históricos, políticos e culturais. Ao centralizar a narrativa em torno da voz feminina negra, não apenas enriquece o cenário literário, mas também visa combater estereótipos, proporcionando uma representação multifacetada. Assim, as mulheres negras não são apenas retratadas como figuras periféricas, mas como agentes ativos em suas próprias histórias.

Becos da memória e *Torto arado* revelam um papel significativo do fazer literário pelos próprios escritores negros, ressaltando a importância da autenticidade e representatividade na construção das narrativas. O ato de contar histórias torna-se uma forma de resistência cultural, permitindo que as escrituras e vozes negras se afirmem na construção da identidade literária e cultural do Brasil. Os textos de Conceição Evaristo e Itamar Vieira Junior não são apenas obras literárias; são manifestações engajadas na desconstrução de narrativas discriminatórias e na ascensão de uma consciência crítica sobre as desigualdades que persistem na sociedade brasileira. Ao questionar, desnaturalizar e desautorizar o racismo, os textos convidam os leitores a refletirem criticamente sobre as raízes históricas e as implicações presentes do racismo estrutural.

Nesse sentido, conclui-se, então, que *Becos da memória* e *Torto arado* parecem transcender suas localidades específicas, conectando-se por meio de experiências compartilhadas que ressoam em diferentes contextos. A negação social, a violência e a resistência, temas abordados nos romances, refletem aspectos complexos da realidade brasileira, destacando a persistência de desafios sociais que afetam especialmente as comunidades marginalizadas. Os escritores, ao explorarem as histórias de vida e as memórias

de suas protagonistas negras, contribuem para a quebra do silêncio imposto, empoderando essas vozes e permitindo que suas narrativas sejam ouvidas e compreendidas.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2021.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle dos Santos Leal. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOSI, Alfredo. *Narrativa de resistência*. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BORGES, Rosane da Silva. *Sueli Carneiro: Retratos do Brasil Negro*. São Paulo: Summus/Selo Negro Edições, 2009.

BRAIT, Beth. *Bakhtin, Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

CANDIDO, Antonio. Literatura e direitos humanos. In: FESTER, A. C. Ribeiro (org.). *Direitos humanos e...* São Paulo: Comissão Justiça e Paz, Editora Brasiliense, 1989.

_____. *Literatura e Sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.

CARNEIRO, Júlia Dias. Entrevista com Conceição Evaristo. *BBC News Brasil*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em: 9 de jan. de 2024.

COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CORRÊA, A. M.; SANTOS, I. Itamar Vieira Junior: as muitas vidas na literatura. *SP Review*. São Paulo, 2023. Disponível em: <http://saopauloreview.com.br/itamar-vieira-junior-as-muitas-vidas-na-literatura/>. Acesso em: 23 de jun. 2023.

CORSINI, Leonora. Torto Arado e o encontro com o Brasil profundo. *Nova Perspectiva Sistêmica*. v. 30, n. 70, ago. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nps/v30n70/v30n70a11.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2023.

CUTI (Luiz Silva). *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: As mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n. 44, jul./dez. 2014, p. 289-302.

_____. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

DA SILVA, G. F. A memória coletiva. *Revista Aedos*, [S. l.], v. 8, n. 18, p. 247–253, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/59252>. Acesso em: 5 fev. 2024.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. Terceira margem, Rio de Janeiro, n. 23, 2010, p. 113-138.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. Universidade Federal Fluminense, 2004.

_____. Nos gritos d'Oxum quero entrelaçar a minha escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *COLÓQUIO MULHERES EM LETRAS: escrituras, valores, sentidos, 5.*, 2013. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2013.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FIELD, Sid. *Manual do roteiro*. São Paulo: Objetiva, 2001.

FIONDA, J. et al. *Conceição Evaristo - a "escrevivência" abolicionista em versos, poemas e contos*. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-da-abolicao/2019/>. Acesso em: 19 de jul. 2023.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez; 1991.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HOISEL, Evelina. *Teoria, crítica e criação literária: o escritor e seus múltiplos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

LITERAFRO. *Conceição Evaristo*. I Colóquio de Escritoras Mineiras. 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

_____. *Itamar Vieira Júnior*. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>. Acesso em: 21 de abril de 2023.

MARQUES, Geisa. Itamar Vieira Jr: “O Brasil está encalhado no passado, que resiste em ser superado”. *Rádio Brasil de fato*. Entrevista, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/10/itamar-vieira-jr-o-brasil-esta-encalhado-no-passado-que-resiste-em-ser-superado>. Acesso em: 21 de jul. 2023.

MATTOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global, 2009.

_____. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (Coleção Cultura Negra e Identidades).

_____. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. *Revista de Antropologia* [em linha]. 1990. vol. 33, p. 109-117. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217/109498> . Acesso em: 26 de jan. de 2024.

OLIVEIRA, Jurema. *A ancestralidade e as narratologias*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *Editora Malê - Entrevista com Vagner Amaro*. Literafro, 2018. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/editoras/1034-editora-male-entrevista-com-vagner-amaro>. Acesso em: 12 de ago. 2023.

_____. EVARISTO, Conceição. Becos da memória. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 621, 2009. DOI: 10.1590/S0104-026X2009000200019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000200019>. Acesso em: 03 ago. 2023.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: modos de usar. In: PELLEGRINI, Tânia (Org.). *Realismo e realidade*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.39, jan./jun. 2012, p. 11-17. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/issue/view/888>. Acesso em: 17 ago. 2023.

_____. *Realismo e Realidade na Literatura: um modo de ver o Brasil*. 1. ed. São Paulo, Alameda, 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da Literatura no Século XXI*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, 1992.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 6 jan. 2024.

_____. *A linguagem literária*. Série Princípios. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. Se é preciso concluir que a história é ficção. Dos modos da ficção. In: _____. *A partilha do sensível: Estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Do efeito ao afeto: os caminhos do realismo performático*. In: MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *Novos realismos*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

_____. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. 4ª reimpressão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2020.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. 15. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

_____. *Salvar o fogo*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.

WEBER, Mariana. Como Itamar Vieira Junior transformou andanças de 15 anos pelo Nordeste no livro mais vendido do Brasil. *Revista Forbes*, 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/como-itamar-vieira-junior-transformou-andancas-de-15-anos-pelo-nordeste-no-livro-mais-vendido-do-brasil/>. Acesso em: 20 de jul. 2023.